

A realidade impregnada do mistério de Deus: “o Reino de Deus está em nosso meio”

Creio também honradamente - embora só possa aduzir o indefeso argumento da realidade, que esta realidade em si mesma ilumina o que é o divino e o que é o humano, e o Cristo que os unifica.²⁸

A percepção do rosto humano de Deus²⁹ nas vítimas³⁰ requer uma inteligência impregnada do Mistério³¹ da realidade³² e do Mistério de Deus.³³ Em Sobrino, mistério da realidade expressa a honradez com o real. Ele mesmo explica

²⁸ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 21.

²⁹ Comentando a respeito do lugar e do conceito de encarnação na cristologia de Jon Sobrino, Carlos Eduardo Catalfo afirma que através de uma detalhada hermenêutica exegética e sistemática, Sobrino descreve a riqueza e a profundidade do prólogo joanino, evidenciando o significado e a relevância do mistério do Deus-Homem, encarnado na plenitude do tempo (Gl 4,4). “Jesus é a palavra, a Verdade e a Boa-Notícia que se faz carne na história humana, para oferecer dignidade de vida, misericórdia e redenção ao homem dilacerado pela miséria, pela opressão e pelo pecado”. Afirma também que em sua teologia, Sobrino elege as vítimas deste mundo como ponto de partida hermenêutico e com o compromisso de descê-las da cruz. Porque, só um Deus encarnado e crucificado pode ser verdadeiro alento para as multidões que também pendem nas cruzes do sofrimento humano: “A cruz na qual está o próprio Deus é a forma mais clara de dizer que Deus ama as vítimas deste mundo. Nela seu amor é impotente, mas é crível”. Cf. CATALFO, Carlos Eduardo. *A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino*. In: SOARES, Afonso M. L. *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo, Paulinas, 2009, pp. 63-65.

³⁰ “Aqui entendemos por vítimas tanto as grandes massas de pobres e oprimidos, as quais são mortas lentamente, como os que são assassinados por denunciar a injustiça e buscar ativamente a justiça”. Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 151.

³¹ A realidade de vítimas é dolorosa, mas testemunha seus eventos carregados de sentido. Ela transcende em todo momento conduzindo-nos ao Mistério. É necessário, portanto, tomar a sério este mistério, assumindo o caminho mistagógico. A este respeito, Sobrino declara: “Somente uma inteligência impregnada do Mistério de Deus e do Mistério da realidade em que vivemos e na qual mora Deus, enriquece a análise exegética e teológica, bem como, as determinações magisteriais”. Cf. Id. *O Reino de Deus e Jesus: compaixão, mesa compartilhada*. In: Concilium, 326 – 2008/3, p. 69.

³² Nas obras de Sobrino, percebemos que o tema da *realidade* sempre o acompanha. Algumas vezes, ele fala de ‘lealdade com o real’, outras, de ‘fidelidade com o real’, e nos últimos tempos, vem falando de ‘honradez com o real’. Todas as expressões querem dizer o mesmo que ‘encarregar-se da realidade’, ‘deixar-se carregar pela realidade’. Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 18. Cf. tb.

³³ De acordo com Sobrino, a partir das vítimas a reflexão cristológica se torna mais praxica, mistagógica e existencial. Pois os pobres e as vítimas deste mundo são, pelos valores que têm - muitas vezes - e pelo que são - sempre sacramentos de Deus e presença de Jesus Cristo entre nós. Cf. Id. *A Fé em Jesus Cristo*, pp. 17-18.

que Ignacio Ellacuría³⁴ compreendia a estrutura formal da inteligência como ‘aprender a realidade e enfrentá-la’. E às três dimensões desdobradas por Ellacuría - *levar em consideração a realidade* (dimensão intelectual), de origem zubiriana³⁵, à qual acrescentou *responsabilizar-se pela realidade* (dimensão ética) e *encarregar-se da realidade* (dimensão praxica) -, Sobrino acrescenta uma quarta dimensão – mas por experiência e intuição que por reflexão teórica – *deixar-se levar pela realidade* (dimensão da graça).³⁶

Sobrino relata que quando conheceu o pensamento de Ellacuría, no início da TdL,³⁷ o que mais lhe causou impacto foi o êxtase dele em encarregar-se da

³⁴ Ignacio Ellacuría ‘é contado entre os teólogos da libertação e como tal é conhecido e reconhecido’; ele mesmo ‘se considerava um teólogo da libertação’ e ‘levou às últimas conseqüências seu labor teológico em um contexto limite de injustiça estrutural, de guerra e de hostilidade e perseguição à verdade’. Cf. PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como inteligência do reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der theologischen Doktorwürde an der Katholisch-Theologischen Fakultät der Westfälischen Wilhelms-Universität Münster in Westfalen. Dezembro, 2008, 86-87.

³⁵ O pensamento filosófico de Ignacio Ellacuría tem grande influência do filósofo e teólogo Xavier Zubiri Apalategui. Zubiri nasceu em San Sebastián no ano de 1898 e faleceu em Madrid no de 1983. Conquistou o doutorado em teologia em Roma, em 1920, e láurea em filosofia em Madri, em 1923, com uma tese intitulada *Ensayo de una teoria fenomenológica del juicio*. Em dezembro de 1926, conquistou a cadeira e história da filosofia na universidade de Madri. Entre suas principais obras, se encontram: *Ensayo de una teoria fenomenológica del juicio*, Madrid, 1923; *Naturaleza, Historia, Dios*, Madrid, 1945; *Sobre la essência*, Madrid, 1962; *Cinco lecciones de filosofía*, Madrid, 1963; *Scritti Religiosi*, Padova, 1976; *Inteligencia sentiente*, Madrid, 1980; *Inteligencia y logos*, Madrid, 1982; *Ensayos de Antropología Filosófica*, Bogotá, 1982; *Inteligencia y razón*, Madrid, 1983; *El hombre y Dios*, Madrid 1984; *Sobre El hombre*, Madrid, 1986; *Estructura dinámica de la realidad*, Madrid, 1989. Na obra de Zubiri é evidente a influência de Heidegger e tem por objetivo encontrar uma saída para o método fenomenológico, que permita fundar uma filosofia que vá além do realismo clássico e do idealismo moderno. Para Zubiri, a fé é “o entregar-se a uma realidade pessoal enquanto verdadeira”. Cf. GRACIA, Diego. *Zubiri, Xavier*. In: *Diccionario de Teologia Fundamental*. Petrópolis-RJ, Vozes; Aparecida-SP, Santuário, 1994, 1054-1057.

³⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 18.

³⁷ Paulo Fernando C. de Andrade calcula a primeira fase da Teologia da Libertação em meados da década de 60, mas diz que o ano em que se convencionou datar o nascimento da mesma, é o de 1971, ano em que Gustavo Gutiérrez publica *Teologia da Libertação. Perspectivas*, obra programática. Com ela inaugura-se definitivamente a Teologia da Libertação, que sai de seu estado embrionário e oferece um primeiro trabalho de maior peso às perguntas levantadas na última década. No mesmo ano e nos anos seguintes explode a Teologia da Libertação na América Latina em inúmeros artigos publicados em quase todas as revistas de teologia e pastoral latino-americanas. Cf. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1991, pp. 57-59.

realidade a tal ponto de definir a teologia como momento da práxis,³⁸ cuja finalidade era a maior realização possível do Reino de Deus na história. Foi aí que Sobrino retomou a intuição e definiu a teologia como *intellectus amoris*³⁹ (*justitiae, misericordiae*), além de *intellectus fidei*,⁴⁰ proveniente de Agostinho,⁴¹

³⁸ Na segunda parte do sexto capítulo de sua tese de doutorado, ao comentar a teologia como intelecção do reinado de Deus em Ignacio Ellacuría, Francisco de Aquino Paulino confronta diretamente como a problemática teológica específica da intelecção do reinado de Deus, no que tem de atividade propriamente intelectual. Ele procura explicitar o caráter de “momento” da teoria teológica, tanto em sua respectividade à práxis teológica (momento *de*), quanto em sua especificidade frente a outros momentos dessa práxis (*um* momento) e enfatizar seu caráter sócio-histórico. Enfim, procura mostrar como esse caráter de momento da teoria teológica determina seu lugar/função e importância no conjunto do método teológico: um momento irreduzível, mas em respectividade estrutural a outros momentos. Ele diz que a subordinação da teologia à práxis do reinado de Deus é tanto uma necessidade epistemológica e social quanto um ideal teológico. “Trata-se, em primeiro lugar, de uma necessidade epistemológica e social. [...] Em segundo lugar, trata-se de um ‘ideal’ teológico. [...] De modo que, o que seja a TdL e qual seja seu método, dependem tanto do que seja a práxis do reinado de Deus, quanto do que seja a atividade intelectual desse reinado”. Cf. PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como intelecção do reinado de Deus*, pp. 217-234.

³⁹ Ao comentar sobre a TdL latino-americana como “*intellectus amoris*”, Sinivaldo Tavares diz que Sobrino faz questão de precisar que a teologia, enquanto momento reflexo da prática primária, se concretizará também como *intellectus iustitiae* e *intellectus liberationis*. E acrescenta que a novidade metodológica de maior interesse da TdL latino-americana é que ela se compreende primária e formalmente a si mesma não como *intellectus fidei*, mas *intellectus amoris*. Isto significa que a TdL se autoconcebe como inteligência do amor histórico pelos pobres, vivido como tentativa privilegiada de corresponder existencial e historicamente àquele Deus que, em Jesus Cristo, se revelou como Amor. A TdL latino-americana seria então, expressão desse esforço, fruto de um profundo encontro espiritual, tendo por fim deixar-se configurar pela própria realidade de Deus. Neste sentido, a razão última e definitiva pela qual a TdL se define formalmente como *intellectus amoris* provém da própria compreensão de Deus que emerge as sua revelação histórica e escriturística. Cf. TAVARES, Sinivaldo S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo: a contribuição da Teologia da Libertação latino-americana*. Petrópolis, Vozes, 2002, pp. 183-184

⁴⁰ O *intellectus fidei* é “o *intellectus*, enquanto função originária e originante do pensar, que está em operação no campo da fé.[...] Este, testemunha que a fé possui sua evidência, sua luz e inteligência específicas. A fé tem seus olhos próprios”. Cf. BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 67.

⁴¹ Aurélio Agostinho (em latim: *Aurelius Augustinus*), dito *de Hipona*, conhecido como Santo Agostinho nasceu em Tagaste, 13 de novembro de 354 e faleceu em Hipona, 28 de agosto de 430. Foi um bispo, escritor, teólogo, filósofo e é um Padre latino e Doutor da Igreja Católica. É uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona. Acessado em 25 de dezembro de 2010. Escreveu inúmeras obras (mais de 600), entre as quais se sobressaem suas *Confissões*, o *tratado sobre a Santíssima Trindade*, as *Narrações sobre os salmos*, *Sobre a Cidade de Deus*, estudo sobre o *Evangelho de São João*, etc. Seu pensamento filosófico-teológico tem um enfoque existencialista. Nele predomina a primazia do amor. É o autor mais citado nos documentos do Concílio Vaticano II. Cf. PEDRO, Aquilino de. *Dicionário de termos religiosos e afins*. Aparecida-SP, Santuário, 1993, p. 14.

e do *intellectus spei*,⁴² como Jürgen Moltmann⁴³ o reformulará em 1978 na sua obra *Teologia da Esperança*.⁴⁴

Jon Sobrino relata que o ‘responsabilizar-se pela realidade’ causou grande impacto sobre ele:

Vindo de outros lares, supunha uma novidade total ouvir - e percebê-lo na pessoa de Ellacuría - que a inteligência ‘não foi dada ao ser humano para ele fugir de seus compromissos reais, mas para responsabilizar-se pelas coisas como realmente elas são e pelo que realmente exigem’.⁴⁵

Sobrino pensa que para compreender a realidade, é imprescindível levar em conta o peso dela e lamenta que isso não seja muito valorizado até o dia de hoje. Ele assegura que o assassinato de Ellacuría⁴⁶ desempenha o papel de símbolo do responsabilizar-se pela realidade, pois este pensou e se responsabilizou por ela até

⁴² Na parte introdutória de sua obra *Teologia da Esperança*, Moltmann argumenta acerca do *esperar e pensar*: “Na Idade Média, Anselmo de Cantuária, estabeleceu o princípio, desde aquela época, normativo e fundamental para a teologia; *fides quaerens intellectum – credo ut intelligam* [fé que examina o intelecto – creio para que entenda]. Esse princípio fundamental vale também para a escatologia e, hoje, talvez seja de decisiva importância para a teologia cristã o estabelecer como princípio básico: *spes quaerens intellectum – spero ut intelligam* [esperança que examina o intelecto – espero para que entenda]. Não é a esperança que conserva a fé em vida, a sustenta e impele para frente? Não é a esperança que introduz o crente na vida de amor? Portanto, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé – o conhecimento e a reflexão sobre o ser do ser humano - da história e da sociedade”. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo, Editora Teológica: Edições Loyola, 2005, 50.

⁴³ Jürgen Moltmann é um dos principais teólogos Luteranos contemporâneos. Nasceu no ano de 1926 em Hamburgo na Alemanha. Desde 1967, foi professor de teologia sistemática na Universidade de Tubinga. Moltmann é um escritor prolífico, centrado integralmente em “olhar a teologia sob um ponto de vista particular: a esperança”. É o criador da 'Teologia da Esperança', na qual, desenvolve as idéias da realização do Reino, como promessa fundamental de Deus. Ele também destaca muito a importância do mistério da cruz. Suas principais obras são: *Teologia da Esperança*; *O Deus Crucificado*; *A Igreja na Força do Espírito*; *Conversão ao Futuro*. Cf. <http://teologia-contemporanea.blogspot.com/2008/02/jurgen-moltmann-1926.html>. Acessado em 25 de dezembro de 2010.

⁴⁴ Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, pp. 18-19.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 19.

⁴⁶ “Ignacio Ellacuría nasceu na Espanha, no dia 09 de novembro de 1930. E foi assassinado no dia 16 de novembro de 1989. Ele era o reitor da *Universidade Centro Americana de San Salvador - UCA*, confiada à Companhia de Jesus. Foi assassinado em *El Salvador* por lutar por justiça, igualdade e liberdade para o povo daquele país. Com ele, foram assassinados mais cinco jesuítas e duas mulheres: Julia Elba e sua filha Celina”. Cf. *Ignacio Ellacuría, um reitor assassinado. Vinte anos depois. Entrevista especial com Francisco das Chagas*. <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em 25 de dezembro de 2010.

o fim. Portanto, diz: “Não é por acaso que a teologia salvadorenha foi pioneira em fazer da perseguição e do martírio, temas centrais, também enquanto teóricos”.⁴⁷

A realidade é Deus⁴⁸ que ausculta todos os clamores, sente todas as dores, vibra com entranhas de misericórdia e age com a ternura da mãe que fixa o olhar para os diversos rostos da Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires da Baixada Fluminense⁴⁹ desprovidos de pão, de chão, de compaixão e de perdão. Um dos motivos principais que conduzem a escrita dessa dissertação na perspectiva das vítimas deste mundo é a importância de redescobrir, que o discurso sobre Jesus de Nazaré não se reduz à sua extraordinária pessoa, à sua misteriosa natureza de homem-Deus, mas inclui o destino de cada ser humano, o motivo e o apelo de toda a adesão a Ele. Redescobrir também a importância de um retorno mais evangélico a Jesus, de olhar para Ele, mais uma vez, do lado dos pobres, aos quais Ele se dirigiu e a quem chamou de bem-aventurados e luz do mundo. Deste modo pode vir àquela renovação da Igreja que reencontra a sua íntima essência de ser luz para o mundo.⁵⁰

A realidade⁵¹ se insere no mais íntimo do ser, conduz ao deserto do coração, coloca-se numa postura de escuta, fala intimamente e confirma que os sinais⁵²

⁴⁷ Ignacio Ellacuría, um reitor assassinado. Vinte anos depois. Entrevista especial com Francisco das Chagas. <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em 25 de dezembro de 2010.

⁴⁸ A esse respeito, ele declara: “Quando mantemos as vítimas no centro da teologia, queremos ser honestos para com a realidade e responsáveis diante dela. Queremos ser cristãos que apresentam uma boa notícia: Deus e seu Cristo estão presentes em nosso mundo, e estão ali onde disseram que estariam: nos pobres e nas vítimas deste mundo”. Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 19.

⁴⁹ Os diversos rostos são identificados hoje, numa Comunidade Eclesial situada na Baixada Fluminense a qual tem a marca do martírio e da violência, mas que faz a experiência de Deus numa atitude atenta aos sinais e apelos da vida cotidiana. Ela tem hoje uma história de vida e resistência. É a Comunidade de Nossa Senhora dos Mártires da Baixada. Está localizada em um bairro de Duque de Caxias, completamente esquecido pelas autoridades. Nela encontramos o Centro de Formação e Espiritualidade encarnada, o Memorial dos Mártires e a Igreja onde celebramos o Mistério Pascal. A inserção nesta realidade de mártires, de pobreza e de vítimas de catástrofes, faz compreender melhor, os traços relevantes da teologia de Jon Sobrino e seu despertar teológico. Cf. www.paroquiasaosimao.org – Acessado no dia 27 de abril de 2010.

⁵⁰ Cf. SCALIA, Felice (org.). *La teologia scomoda. Il “caso Sobrino”*. Molfeta, edizioni La meridiana, 2008, pp. 11-12

⁵¹ A realidade revela situações graves de urgência alimentar devido as catástrofes naturais, como as inundações, a seca ou os terremotos em todos os recantos da Terra e particularmente na América Latina e no Caribe. Todos os anos, os conflitos armados expulsam de suas casas e de suas terras a milhões de pessoas, que nessas condições correm perigo de morrer de fome e mais de milhões de pessoas subsistem com menos de um dólar ao dia.

Cf. www.fao.org/kids/es/poverty.html - Acessado no dia 27 de abril de 2010.

⁵² Sobrino lembra que o próprio Ellacuría adverte que levar em consideração a realidade supõe “um estar ‘real’ na realidade das coisas”. Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 19.

guardam consigo os desejos e anseios mais profundos.⁵³ Ninguém pode prendê-los ou impedi-los.⁵⁴ Eles são sorrateiros, vêm com toda força, envolvem e revigoram. Tomam pela mão e conduzem ao chão da vida, onde os corações se unem e celebram na Justiça, na Solidariedade e na Esperança.⁵⁵

Neste capítulo apresentar-se-ão as interpelações dos fenômenos da realidade atual que afetam; o perfil da vida de Jon Sobrino; sua opção teológica na perspectiva das vítimas desde a realidade; e o memorial da realidade martirial centro-americana impregnada do Mistério de Deus, enfatizando que o Reino de Deus está em nosso meio.

⁵³ Os anseios mais profundos irrompem pela força do Espírito de Deus que dá vida a todas as coisas e impele a anunciar a Boa Nova que sempre de novo, acaba de chegar: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2).

⁵⁴ Para F. Scalia, as afirmações sobre os pobres como lugar teológico, suscitam cinco ensinamentos do Novo Testamento: Os pobres são os destinatários privilegiados do ‘plano de Deus’ (“deles é o Reino”: Lc 6,20). O encontro com o pobre é o lugar decisivo do encontro com Deus. As palavras “foi a mim que fizestes” foram ditas àqueles que deram de comer ao faminto, que visitaram o prisioneiro e o enfermo, etc. (Mt 25,31ss.). Os sinais para o reconhecimento do enviado de Deus são a Boa Nova para os pobres e a esperança para aqueles que creem nela (“coxos”, “cegos”, “surdos”, na linguagem messiânica de Isaías (Mt 11,2ss). Pobres e oprimidos da terra constituem, hoje, a face do Cristo crucificado, segundo o ensinamento da Assembléia Episcopal de Puebla, inaugurada por João Paulo II em 1979. Felice Scalia diz que a cristologia de Sobrino é uma reflexão sobre o Deus humanado, o qual, “sendo rico, se fez pobre por vossa causa, para vos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9). Cf. SCALIA, Felice. *La teologia scomoda*. pp. 39-41.

⁵⁵ Focaliza-se novamente aqui, a Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires da Baixada, a qual permite oportunidade de silenciar, orar e meditar profundamente para auscultar os sentimentos das lideranças, dos pobres, das vítimas, dos mártires, da humanidade, da Criação, do Cosmos, de Deus. Esta Comunidade está localizada no Jardim Amapá, retrato da exclusão e do abandono em que os pobres deste país são obrigados a viver. Aqui, na noite de 3 de maio de 1988 Elizete (5 anos), Elionete (7 anos) e Eliete (9 anos) foram barbaramente assassinadas junto com a mãe Maria das Neves (grávida de sete meses) e o pai Sebastião. No dia 5 de junho de 1988 foi realizada a celebração ecumênica: ‘Clamor dos Mártires’. Em outubro de 1989 foi comprada a casa onde tinha acontecido o martírio e no Natal do mesmo ano foi inaugurada. Em 1993 foi comprado o terreno ao lado com o intuito de construir um Centro de Espiritualidade e Formação. Com o apoio e incentivo do Bispo Dom Mauro Morelli da diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, foi projetado em 1994 e inaugurado em 17 de julho de 1999. Cf. DIAS, Adriano. *Mártires da Baixada. Uma história de sangue e esperança*. Disponível em <http://www.comcausa.org.br.martiresdabaixada>. Acessado em 14 de março de 2010.

2.1.

Interpelações da realidade atual

O homem (ou a mulher) que quer conhecer Deus deve ser antes de tudo ouvinte da Palavra, deve procurar o lugar da revelação de Deus, deve contar com a possibilidade de que Deus tenha escolhido seu próprio lugar específico da revelação, e deve aceitar que este é privilegiadamente o mundo dos pobres.⁵⁶

A verdade de Deus é assegurada ambientalmente, como boa notícia, salvífica e humanizadora, desencadeando uma ativa esperança e uma prática de libertação.⁵⁷ Muitos cristãos pobres e os que com eles se solidarizam, transformam, de fato, em mistério santo,⁵⁸ o que incontestavelmente existe de problemas em sua própria vida, em seu mundo circundante e na história. O fundamental disso consiste na mistagogia, em introduzir o mistério de Deus, deixando que Ele mesmo se revele.⁵⁹ Pois a verdade de Deus se manifesta na própria autorevelação de Deus e compete essencialmente a Ele.⁶⁰

De acordo com Sobrino, é importante refazer a estrutura fundamental da fé como resposta à revelação de Deus, e mostrar na história atual, o lugar concreto e as realidades que favoreçam a percepção e a escuta da manifestação de Deus.⁶¹

2.1.1.

A indignação ética

Nos seres humanos há sempre reservas e redutos de bondade, muitas vezes, adormecidos, mas que podem ser ativados pelo sofrimento dos outros.⁶²

⁵⁶ SOBRINO, Jon. *Deus*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA J. (Orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. 1999. p. 174.

⁵⁷ Cf. SOBRINO, Jon. *Deus*, p. 173.

⁵⁸ “O mundo dos pobres nos coloca diante de um mistério, e eles mesmos exprimem um mistério”. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 116.

⁵⁹ “Os pobres remetem a Deus porque Deus está neles, ao mesmo tempo escondido e manifesto”. Ibid., p. 120.

⁶⁰ Cf. Id. *Deus*, p. 174.

⁶¹ Cf. Ibid., p. 175.

⁶² Id. *Onde está Deus?: Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. São Leopoldo, Sinodal, 2007, p. 37.

As catástrofes ocorridas no mundo nos últimos tempos possibilitam perceber onde afinal se encontra o Deus da Vida e como Ele se revela. O mundo atual, embora conhecido em sua realidade, interdependência e unidade, convoca à corresponsabilidade diante da gravíssima crise que o atinge. A destruição ecológica ameaça o mundo inteiro; e a pobreza massiva, além de ser ameaça, é realidade que vai aumentando para a maioria da humanidade.⁶³ Emergencial é o cenário da fome. A crise mundial já revela os rostos de um bilhão de famintos. Mais de cinquenta e três milhões (53) de pessoas estarão sofrendo com a fome na América Latina e Caribe nos próximos anos.⁶⁴ Segundo as estimativas da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), baseadas em um estudo do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos “a maioria das pessoas subnutridas vive em países em desenvolvimento”. Diante das emergências atuais, percebe-se que no mundo, quase dois milhões (2) de pessoas necessitam de ajuda humanitária e há um número superior de nove milhões (9) de pessoas refugiadas que são vulneráveis à fome. Mais de quatro milhões (4) de pessoas já morreram devido à pobreza, as enfermidades e a desnutrição.⁶⁵

Sobrino diz que a realidade desse mundo tomou a palavra e se expressou em forma de clamor, como *Medellín* e *Puebla* afirmam na América Latina; sua realidade é, pois inocultável. À grande pergunta de Deus: “O que fizeste de teu irmão?” confirma que a própria criação de Deus, o ideal da vida está em crise.⁶⁶ Mas não se deve esquecer: “O Deus do cristianismo é um Deus criador de uma realidade distinta dele mesmo, e deseja o bem de sua criação. Mantendo sua transcendência, Ele mesmo se compromete com este desígnio de bondade”.⁶⁷

Sobrino afirma que o rumor da miséria e o clamor de morte escorrem pelas entranhas da indiferença, mas ainda se escutam algumas vozes proféticas e vozes de esperança.⁶⁸ As interpelações são diversas e ecoam de todas as partes do mundo e da realidade que nos cerca. Todas elas, dizem respeito às vítimas e seus

⁶³ Cf. SOBRINO, Jon. *Identidade cristã*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. TAMAYO-ACOSTA, J. (Orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. 1999, p. 349.

⁶⁴ FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). *Um bilhão de famintos no mundo*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2009, Páginas A2 e A3.

⁶⁵ Cf. www.fao.org _ Acessado em 27 de abril de 2010.

⁶⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *Identidade cristã*, p. 349.

⁶⁷ Id. *O Reino de Deus e Jesus*, p. 68.

⁶⁸ Cf. Id. *Fora dos pobres não há salvação*, pp. 11-12.

diversos rostos que transparecem o rosto humano do Deus da Vida⁶⁹ e pedem um olhar compassivo, afetuoso e comprometido. Elas convocam a “promover uma globalização marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos” (DA 64).

A TdL⁷⁰ deu uma nova identidade aos cristãos latino-americanos,⁷¹ conduzindo-os à convivência no mundo dos pobres e dando um novo sentido à teologia e ao modo de ser cristão em um continente de pobres (e de vítimas).⁷² A ótica do pobre permitiu a transformação tanto no âmbito eclesial como político-social.⁷³

A realidade convoca a sempre de novo, contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre os diversos rostos, destacam-se os das comunidades indígenas e afro-americanas, das mulheres excluídas em todos os sentidos, dos jovens, dos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal, dos meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual, das crianças vítimas do aborto. Enfim, de milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e passam fome. O olhar se fixa também nos dependentes das drogas, nas pessoas com limitações físicas, nos portadores e vítimas de enfermidades graves, nos sequestrados, nas vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; nos anciãos excluídos do sistema produtivo, nos presos, nos excluídos explorados, supérfluos e descartáveis (Cf. DA 65).

⁶⁹ O Deus que se revela e fala hoje, denuncia a cegueira, a surdez e a indiferença diante do sofrimento das Vítimas (Cf. Êx 3). As notícias testemunham: “Um bilhão de pessoas no mundo, - sendo cinquenta e três milhões (53) na América Latina e Caribe, 642 milhões na Ásia-Pacífico, duzentos e sessenta e cinco milhões (265) na África Subsaariana, quarenta e dois milhões (42) no Oriente Médio e África do Norte e quinze milhões (15) nos países em desenvolvimento - expande-se no quadro mundial”. Cf. FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). *Um bilhão de famintos no mundo*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de junho de 2009, Páginas A2 e A3.

⁷⁰ A TdL latino-americana serve de marco geral de referência para outras Teologias da Libertação e é a primeira sistematização do novo método teológico. Cf. TAMAYO-ACOSTA J. *Teologias da Libertação*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. - TAMAYO-ACOSTA J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 820.

⁷¹ Cf. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *A crise da modernidade e as possibilidades de uma nova militância cristã*. In: SUSIN, Luiz Carlos. *Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 213.

⁷² Cf. *Ibid.*, p. 215.

⁷³ Cf. *Idem*.

Nos últimos tempos, diversos países da América Latina e do Caribe têm sofrido com as catástrofes. Daí, milhares de rostos e corações sofridos tem-se desencadeado, aumentando de forma assustadora o número dos flagelados, das vítimas. Assiste-se a mobilidade humana por todo o Planeta, em busca de alternativas de sobrevivência. Bem como, o crescimento de uma subclasse excluída, sintoma do sistema universal do capitalismo global tardio. Este, por sua vez mascara-se com sua ideologia hegemônica, a tolerância multicultural que nada mais é do que uma forma de racismo denegada, invertida, autoreferencial, um racismo com distância.⁷⁴

E ao fixar o olhar nos rostos que a mídia globalizada apresenta e daqueles que a realidade cotidiana revela, percebe-se que é necessário deixar-se impregnar pelo mistério da realidade onde habitam as vítimas e de onde ecoam os seus gritos abafados no silêncio da dor e muitas vezes da morte súbita e cruel de tantos mártires⁷⁵ do sistema capitalista cruel.⁷⁶ Acredita-se que esta é uma das interpelações mais relevantes ao tema em questão.

2.1.2.

A mística dos mártires jesuânico e do povo crucificado

Tantas testemunhas e mártires, tantos cristãos e cristãs que se parecem com Jesus dão o que pensar sobre Jesus e ajudam a pensar em Jesus.⁷⁷

Por ocasião do 20º ano do assassinato dos seis jesuítas e duas mulheres,⁷⁸ Sobrino aprofunda a reflexão do povo crucificado.⁷⁹ E cita uma das mulheres,

⁷⁴ ZIZEK, Fredric Jameson S. *Multiculturalismo o la lógica cultural Del capitalismo multinacional*. In: Estudios Culturales. Reflexiones sobre El multiculturalismo. Paidós, Buenos Aires – Barcelona, 1998, pp. 175-178.

⁷⁵ Sobrino afirma que os mártires têm a capacidade de interpelar e sacudir, de desmascarar interesses espúrios, também da teologia, e tem a capacidade de iluminar os conteúdos fundamentais da fé (Deus e seu Cristo). Além disso, podem conseguir _ melhor que outras coisas _ que a fé do teólogo, da teóloga seja uma fé “real” e remeta ao “real” da fé. Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p. 285.

⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 284.

⁷⁷ *Id.* *Jesus, o libertador*, pp. 22.

Júlia Elba, dizendo que assim como ela, há centenas de homens e mulheres em nosso mundo. São imensas maiorias que perpetuam uma história de séculos. Todos eles sofrem a morte rápida da violência e da repressão, e, sobretudo, a morte lenta da pobreza e da opressão. Sem comparação possível, sofrem mais que ninguém as consequências dos desmandos de quem os oprime.⁸⁰ Ele denuncia que, atualmente há mais riqueza na Terra, porém, há mais injustiça. E acrescenta: “2,500 milhões de pessoas sobrevivem na Terra com menos de 2 euros ao dia e 25,000 pessoas morrem diariamente de fome, segundo a FAO”.⁸¹

A reflexão sobre os mártires jesuânicos⁸² e o povo crucificado⁸³ é pertinente em nossos dias. Os mártires jesuânicos e o povo crucificado⁸⁴ despertam a trabalhar arduamente para reverter à história e salvar, uma civilização que está gravemente enferma. “Eles e elas nos confrontam conosco mesmos sem escapatória, iluminam as realidades mais profundas de nosso mundo e o que há de

⁷⁸ “No dia 16 de novembro de 1989, no jardim da comunidade jesuíta da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador. Na madrugada daquela quinta-feira, Ignacio Ellacuría, reitor da UCA; o vice-reitor, Ignacio Martín-Baró; o diretor do Instituto de Direitos Humanos da UCA, Segundo Montes; o diretor da biblioteca de teologia, Juan Ramón Moreno; o professor de teologia Amando López; o fundador da universidade, Joaquín López y López, todos jesuítas; a funcionária Elba Ramos e sua filha Celina foram fuzilados a sangue frio no campus da UCA. Paramilitares do Exército salvadorenho invadiram a residência dos jesuítas deliberadamente para matar àqueles que incomodavam a ditadura, no rastro do assassinato de outro jesuíta, Pe. Rutilio Grande, amigo próximo de Dom Óscar Arnulfo Romero, arcebispo da capital, San Salvador, que também foi fuzilado enquanto celebrava a missa”. Cf. *Mártires em El Salvador: uma memória que continua forte 20 anos depois*. In: Revista IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos/314: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2936&secao=314, 09 de novembro de 2009. Acessada em 27 de fevereiro de 2011.

⁷⁹ Cf. SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA. Exigencia y gracia*. In: Revista Latinoamericana de Teología/78, Septiembre-Diciembre, 2009, pp. 227-239.

⁸⁰ Cf. Id. *Los mártires de La UCA*. p. 231.

⁸¹ Cf. Ibid., p. 232.

⁸² Cf. Id. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*. In: Concilium/299, 2003/1, p. 16.

⁸³ De acordo com Sobrino, “Povos crucificados” é linguagem útil e necessária no nível fatural-real porque ‘cruz’ significa não só pobreza, mas também morte; no nível histórico-ético, porque ‘cruz’ expressa com toda clareza que não se trata de qualquer morte, mas de um tipo de morte ativamente infligida por estruturas injustas; e no nível religioso, pois ‘cruz’ é o tipo de morte que Jesus padeceu, e para o crente tem a força de evocar o fundamental da fé, do pecado e graça, da condenação e salvação. E de modo especial, é uma linguagem útil e necessária na cristologia, pois são os povos crucificados que completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo. Eles são a presença atual de Cristo crucificado na história. Cf. Id. *Jesus, o libertador*, pp. 367-368.

⁸⁴ Sobre estes dois termos, *mártires jesuânicos* e *povos crucificados*, os quais, são muito utilizados pelo nosso Autor, dedicaremos melhor atenção mais adiante em nossa dissertação.

fazer com ele”.⁸⁵ Eles nos movimentam no seguimento de Jesus e melhor, nos introduzem no Mistério de seu Deus.⁸⁶

A experiência cristã conduz ao silêncio de Deus em seu Mistério.⁸⁷ À luz do Mistério Pascal, o coração se move para celebrar o memorial da vida, paixão, morte e ressurreição do Mártir por excelência, Jesus Cristo. Por Ele, com Ele e n’Ele, insiste-se em recordar o rosto dos mártires – e das vítimas – do Continente Latino Americano e Caribenho.

Como a cruz de Jesus, a palavra *mártir*⁸⁸ deve ser revigorada sempre e cultivada como referencial cristão e social insubstituível para humanizar este continente e este mundo.⁸⁹ A consciência crítica de Jon Sobrino permite perceber *o real*:

Aparecida empenhou um grande esforço, com bons resultados, para dar nome aos pobres do continente em suas múltiplas manifestações. Do mesmo modo, coloca os mártires em relação com os pobres, com a promoção da justiça e dos direitos humanos (129-135). Não obstante, não explica com clareza, e de maneira determinante, o que são os mártires e a razão está no fato de não mencionar que

⁸⁵ SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p. 227.

⁸⁶ Esta afirmação se comprova à luz da experiência de inserção na realidade dos inumeráveis mártires da Baixada Fluminense, bem como, das Vítimas do peso da vida cotidiana que resistem a todos os males que lhes afetam. No Memorial dos Mártires da Baixada, em postura de oração e meditação, o Mistério convoca a ser ouvinte da Palavra e à encarnação na realidade mistagógica da cruz de Jesus. Cf. PIMENTEL, Spensy. *Mães da Baixada Fluminense lutam para vítimas não serem culpadas por violência*. In: www.agenciabrasil.gov.br. 12 de Setembro de 2006 - 19h22. Acessado em 27 de abril de 2010. Disponível também em www.boonic.com.br. Acessado em 20 de dezembro de 2010.

⁸⁷ Cf. SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p. 69.

⁸⁸ “A palavra grega *mártys* é usada na língua clássica principalmente em sentido jurídico de testemunha, daquele que presta testemunho do que viu ou do que sabe, e também daquele que atesta uma verdade da qual está convencido. No AT, Israel era chamado para testemunhar que *Iahweh* é o único Deus (cf. Is 43, 10-12). (...) No NT, Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a testemunha por excelência. Diante de Pilatos, ele afirmou: “Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade” (Jo 18,37; cf. At 1,5; 3,14) e selou seu testemunho com a morte na cruz. Na paixão e morte de Jesus, Lucas sublinha o modo que assinalou os *mártires*: a coragem e a firmeza em testemunhar a verdade, a ajuda divina na angústia, a mansidão nos ultrajes, o esquecimento de si, a inocência reconhecida pelos juízes, o perdão dos perseguidores. (...) O *mártir*, tornado conforme a Cristo, testemunha de modo radical a santidade de Deus e a dignidade do homem; e a sua morte realiza paradoxalmente, acima do tempo e da história, a vitória definitiva do bem sobre o mal. Oferecendo livremente sua vida em união com Cristo, o *mártir* é sinal vivo da comunhão dos santos e fonte de vida nova, porque, participando do mistério da cruz, se insere na dinâmica do poder do ressuscitado e, experimentando a união mística com as Pessoas divinas, continua a construir a Igreja, trazendo salvação ao mundo”. Cf. RAVA, E. C. *Mártir*. In: *Dicionário de Mística*. São Paulo, Paulus: Edições Loyola, 2003, 680-681.

⁸⁹ Cf. SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p. 228.

Jesus, por tomar a defesa dos pobres, entrou em conflito com os poderes de seu tempo e foi assassinado por eles.⁹⁰

Muitos mártires jesuânico foram assassinados por defender os povos crucificados. Jamais se conseguirá compreendê-los sem recordar as vítimas. Seria “como pretender entender a cruz de Jesus sem recordar os pobres desgraçados que ampararam Jesus em sua prostração e a quem Jesus defendeu dos fariseus, escribas, herodianos e sumo-sacerdotes”.⁹¹

É importante, pois, manter a perspectiva das vítimas no labor teológico, formular linguagens religiosas e teológicas que possibilitem uma melhor compreensão crítica da realidade, da experiência de fé, da indignação ética e do compromisso em defesa da vida das vítimas.⁹² Pois para a teologia, real é a sociedade, a Igreja e também a fé que capacita o pensar daquele que como um profeta nos serve.⁹³ Alude-se o ser profético ao próprio Sobrino, que com simplicidade, tece uma teologia cristã atento ao “recorda Israel” (Dt 6,4) e o “façam isto em minha memória” (Lc 22,19; 1Cor 11,24), convicto de que, recordar é: “voltar a passar pelo coração, para encontrar um fundamento naquele que foi verdadeiramente ‘fundador’ e continuar gerando dinamismos positivos de humanização”.⁹⁴

⁹⁰ SOBRINO, Jon. *A causa dos mártires*. In: FORCANO, B. - LALLANA, E. - CONCEPCIÓN, J. M. - CEREZO, M. *Pedro Casaldáliga: as causas que imprimem sentido à sua vida - Retrato de uma personalidade*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008, p. 145.

⁹¹ Id. *Los mártires de La UCA*, p. 233.

⁹² Cf. SUNG, Jung Mo. *Sujeito e defesa da vida das vítimas*. In: Luiz Carlos SUSIN. *Terra Prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 229.

⁹³ Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p. 286.

⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 285.

2.2.

Jon Sobrino, um teólogo profeta

Foi-te declarado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor pede de ti; tão só que defendas o direito e ames a lealdade, e que caminhes humildemente com teu Deus (Mq 6,8).⁹⁵

É possível alguém ser teólogo e profeta.⁹⁶ Comblin cita alguns teólogos como profetas - entre eles está Jon Sobrino – e, conclui que teologia e profecia são dois dons, dois carismas bem diferentes; ou seja, a teologia é trabalho intelectual e a profecia é testemunho dado na praça pública.⁹⁷ Mas há casos em que é possível unir os dois carismas.⁹⁸ A seguir, alguns testemunhos que comprovam o dito acima.

Luís Carlos Susin testemunha que Jon Sobrino é “um teólogo muito bem articulado do pensamento cristão que sobe dos clamores e das esperanças dos pobres a partir da América Latina”.⁹⁹ Pablo Richard declara que o que mais lhe chama atenção em Sobrino, é “sua fé e firme convicção na plena e total

⁹⁵ Em vários textos de Sobrino, encontramos-nos com esta citação bíblica. O que significa que está entranhada em seu ser e pela qual, ele se deixa conduzir.

⁹⁶ “O profeta é *homem inspirado* - sua inspiração vem do contato pessoal com Deus, que começa no momento da vocação. Quando ele fala e escreve, seu único ponto de apoio, sua força, sua fraqueza, é a Palavra que o Senhor lhe comunica pessoalmente, quando quer, sem que ele possa se negar a proclamá-la. Palavra que às vezes, assemelha-se ao rugido do leão como indica Amós (Am 1,2), e em certos momentos é “contentamento e alegria de meu coração” (Jr 15,16). Palavra freqüentemente imprevista e imediata, mas que, em momentos cruciais se retira (Jr 42,1-7). Palavra dura e exigente em muitos casos, mas que se transforma em “fogo devorador encerrado nos ossos”, que é preciso continuar proclamando (Jr 20,9). Palavra da qual muitos desejariam fugir, como Jonas, mas que termina se impondo e triunfando. O lugar do profeta é a estrada e a praça pública, onde as pessoas se reúnem, onde a mensagem é mais necessária e a problemática mais estimulante. Ele se encontra em contato direto com o mundo que o rodeia: conhece as maquinações dos políticos, as intenções do rei, o descontentamento dos camponeses pobres, o luxo dos poderosos, a despreocupação de muitos sacerdotes. No destino dos profetas é prefigurado Jesus de Nazaré. Enfim, sua profecia é *carisma* - rompe todas as barreiras. Cf. SICRE, José Luis. *Profetismo*. In: FLORISTÁN SAMANES, C. - TAMAYO-ACOSTA, J. *Diccionario de conceptos fundamentales do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 654-655.

⁹⁷ Comblin apresenta três teólogos e suas respectivas obras, testemunhando que estes exerceram e exercem simultaneamente os carismas da teologia e da profecia. São eles: CONGAR, Yves. *Pour une Église servante et pauvre*. Paris, Cerf, 1963. GUTIERREZ, Gustavo. *La fuerza histórica de los pobres*. Lima, CEP, 1979; *Em busca de los pobres de Jesucristo*. Salamanca, Sigueme, 1993. SOBRINO, Jon. *El principio-misericordia. Bajar de La cruz a los pueblos crucificados*. Santander, Sal Terrae, 1992; *La Fe em Jesucristo Ensayo desde las victimas*. Madrid, Trotta, 1999. In: COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p. 266.

⁹⁸ Cf. Id. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008 p. 266.

⁹⁹ Cf. SUSIN, L. C. *O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja*. In: *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 322.

humanidade de Jesus e a fé de Jesus”. Bem como, “sua teologia totalmente inspirada numa espiritualidade libertadora, cheia de esperança e misericórdia”.¹⁰⁰

Ronaldo Muñoz também testemunha a respeito da valiosa contribuição para a América Latina da obra cristológica e evangelizadora de Sobrino: “(...) com profundidade de fé, profética e martirial, com amor apaixonado por Jesus Cristo e pelos pobres, com clareza de pensamento e rigor sistemático”.¹⁰¹ Vera Ivanise Bombonato, insigne pesquisadora de Sobrino, ressalta que a reflexão teológica que une rigor científico à coerência de vida e ao compromisso solidário com os pobres, solidificou sua fé e firmou seus passos no prosseguimento da prática de Jesus.¹⁰² Por isso o eleva: “Jon Sobrino é, sem dúvida, um dos maiores expoentes do cenário teológico atual”.¹⁰³ Ela destaca que a proximidade do sofrimento dos pobres, a sensibilidade à dor da humanidade e a docilidade ao Espírito, o conduziram a orientar o tempo, as forças físicas, a ternura de seu coração e a agudez de sua inteligência em favor das vítimas deste mundo.¹⁰⁴

Lee Cormie acrescenta que Jon Sobrino “tornou-se amplamente venerado por suas intuições em relação ao mundo dos pobres”, por sua “dedicação em reler a Bíblia, a vida e a morte de Jesus” na perspectiva das vítimas, por sua criatividade em “re-marcas a cristologia e a espiritualidade nesses termos”, e por sua “insistência escandalosa de que a justiça é possível”.¹⁰⁵ Ele aponta as contribuições fundamentais deste Autor em discernir as dimensões transcendentais da esperança e da fé do pobre que luta na história. Cabe aqui enfatizá-las: Sobrino tem ajudado a abrir a teologia para incluir o vasto mundo dos pobres; a reler a Bíblia a partir da perspectiva das vítimas; a refletir o martírio de milhares de salvadorenos pobres à luz da misteriosa morte transcendental da

¹⁰⁰ Cf. RICHARD, Pablo. *Em qual Jesus a Igreja crê? In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 238.

¹⁰¹ Cf. MUÑOZ, Ronaldo. *A notificação a Jon Sobrino. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 216.

¹⁰² Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 37. Vale a pena conferir também, sua excelente obra que no dizer de J. B. Libânio, ‘ao ler-se, sai-se com o fio condutor da compreensão do seguimento de Jesus na cristologia do teólogo salvadorenho’: Id. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo, Paulinas, 2002.

¹⁰³ Cf. *Ibid.*, p. 38.

¹⁰⁴ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres*, p. 38.

¹⁰⁵ Cf. CORMIE, Lee. *O Jesus da história, os cristos da fé e a esperança de que outro mundo é possível. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, pp. 94-95.

práxis histórica de Jesus. Tem também insistido em reformular a cristologia e a missão da Igreja em continuidade com a sua fidelidade a Jesus na história, em termos plenamente trinitários.¹⁰⁶

Diego Irarrázaval profere: “Um teólogo tenaz e frágil provocou o pensar Cristo a partir da América Latina e no coração da Igreja, com disciplina intelectual e alento profético”.¹⁰⁷ Ele também testemunha que Jon Sobrino tem refletido “sobre o Cristo do Evangelho, a partir da população empobrecida e crente”. E que sua proposta de pensar com amor (*intellectus amoris*) enriqueceu a caminhada eclesial.¹⁰⁸ Portanto, ressalta que sua lucidez crente e sua coerência conduzem a pensar o Amor de Deus (*intellectus amoris*) no concreto da América Latina.¹⁰⁹

E Leonardo Boff afirma: “Expressamos nossa fraternidade fazendo o que Jon Sobrino sempre fez com seriedade e compaixão: pensar a fé em Cristo no contexto dos povos crucificados”.¹¹⁰

2.2.1.

O contexto vital do “fazer teológico”

Coube a mim ser testemunha de muitas coisas: o negrume da pobreza e da injustiça, de grandes e terríveis massacres, e também a luminosidade da esperança, da criatividade e de generosidade sem conta dos pobres.¹¹¹

No atual cenário teológico, contempla-se o perfil da vida de Jon Sobrino, teólogo que compreende o contexto vital de seu fazer teológico como um pensar,

¹⁰⁶ CORMIE, Lee. *O Jesus da história*, pp. 96-97.

¹⁰⁷ Cf. IRARRÁZAVAL, Diego. *Provocação cristológica. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 180.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Ibid., p. 182.

¹¹⁰ BOFF, Leonardo. *Prólogo. Descer da cruz os pobres. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, 9.

¹¹¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 16.

refletir, ruminar a realidade tal como ela o afetou.¹¹² Quando ele fala do trabalho da teologia na realidade concreta do mundo, toma como referência iluminadora a realidade martirial centro-americana.¹¹³ Ele mesmo declara:

Tocou-me viver numa realidade de uma intensidade tal que fez com que tenha dado prioridade ao real na tarefa teológica (ainda que me remeta também a ‘textos’, a Escritura, os textos de teologia e de outras ciências e ver a óbvia necessidade de mediações). Essa realidade é a da graça e do pecado.¹¹⁴

Pelo modo de ser, de fazer teologia e pela realidade em que lhe tocou fazê-la, El Salvador,¹¹⁵ Sobrino dedicou-se ao momento mais explicitamente teológico. Consagrou-se a analisar os sujeitos históricos de libertação, aprofundando em “como vê, o que diz e o que faz Deus com nosso mundo”; também, em “como vê, o que diz e o que faz nosso mundo com Deus”.¹¹⁶

2.2.2.

O tema das vítimas

No meio de tantas vítimas, a América Latina é o lugar por antonomásia de se perguntar por Deus, como Jó e como Jesus na cruz, e tanto mais quanto simultaneamente ele é confessado como Deus de vida. [...] Nessa situação, a única

¹¹² Sobrino insiste que fazer teologia, o fundamental não é o exercício de uma profissão, mas uma forma de ser, não é algo que lhe tenha nascido, formalmente, por ser cristão, mas por ser humano (ainda que este humano nele tenha incluído desde o princípio, o cristão); não é, num primeiro momento, um serviço a outros, à Igreja, senão uma necessidade para ele mesmo. Com paz ou em crise, com gozo ou em desolação, aí está o impulso a dizer a si mesmo que é isso de Jesus, que é pecado, gratuidade, Deus, esperança, libertação... Todas as “idéias” expressas em textos, inclusive sagrados e revelados, são ideais que antes de tudo, pertencem ao âmbito de realidade. E por isso, pretende fazer teologia com sentido de realidade. Cf. Id. *Teologia desde La realidad*. In: SUSIN, L. C. (Org.) *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo, Loyola, 2000, pp. 153-154.

¹¹³ Cf. *Ibid.*, p. 282.

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ “El Salvador, ou apenas Salvador, é um pequeno país da América Central, limitado a norte e a leste pelas Honduras, a leste pelo Golfo de Fonseca, a sul pelo Oceano Pacífico e a oeste pela Guatemala. Sua população gira em torno de 6,2 milhões de pessoas. Cerca de 90% é mestiça, uns 9% são brancos, e somente 1% são indígenas puros. Poucos ameríndios mantiveram seus costumes, tradições e línguas. A língua espanhola é virtualmente falada por todos os habitantes. A maioria da população salvadorenha é católica romana (83% da população), apesar do crescimento dos grupos protestantes (atualmente em 15%). A capital do país, San Salvador, tem cerca de 2,1 milhões de pessoas. Cerca de 42% da população do país vive em áreas rurais”. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/El_Salvador. Acessado no dia 16 de abril de 2010.

¹¹⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p. 277.

coisa que o crente pode fazer é aceitar que Deus está na cruz, impotente como as vítimas, e interpretar esta impotência como o máximo de solidariedade com elas.¹¹⁷

De fato, Sobrino é um dos poucos teólogos, que se deixa impregnar pelo tema das vítimas¹¹⁸ (pobres, povos crucificados), trabalha por elas e por causa delas, é vítima de perseguições, pois sobreviveu a um massacre.¹¹⁹ Por sua consagração a Deus em seu Mistério, dedica extremamente sua missão à vida das mesmas.¹²⁰ O seu grande mérito está no fato de ter contribuído de modo decisivo e eficaz, para a elaboração de uma cristologia da libertação, com novas balizas interpretativas que articulam teoria e práxis, história e transcendência.¹²¹

Sua intuição fundamental é a redescoberta do pobre como lugar teológico¹²² e como lugar teologal.¹²³ Sua reflexão metodológica privilegia as vítimas¹²⁴ e as atualiza constantemente em seu labor teológico.¹²⁵ Sua teologia está permeada do

¹¹⁷ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, pp. 23-24.

¹¹⁸ Cf. Id. *Teologia e Realidade*, p. 278.

¹¹⁹ Sobrino recorda que é o “mártir sobrevivente”, porque se estivesse em casa, junto a seus companheiros da Comunidade Religiosa dos Jesuítas, teria sido também assassinado no dia 16 de novembro de 1989. Ele estava em Hua Hin, a uns 200 quilômetros de Bangkok na Tailândia, dando um breve curso de cristologia. Cf. Id. *Compañeros de Jesus. El asesinato-martirio de los jesuítas salvadoreños*. Editorial Sal Terrae, 1989, p. 6.

¹²⁰ Ele declara que a realidade mais densa, histórica e transcendente que se lhe fez presente, foi a realidade dos mártires. Cf. Id. *Teologia e Realidade*, p. 282.

¹²¹ Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres*, p. 43.

¹²² A expressão “lugar teológico” tem uma longa tradição na teologia e ganhou muita relevância no contexto da teologia pós-conciliar, particularmente na TdL. Francisco de Aquino Paulino diz que, quando Ignacio Ellacuría ou Jon Sobrino fala de “lugar teológico”, trata-se do “lugar social” no qual o Deus bíblico se revelou e continua se revelando e, conseqüentemente, o “lugar social” mais adequado da fé (práxis teologal) e de sua intelecção (teoria teológica) – o lugar a partir de onde se tratam e se interpretam, inclusive, os “temas fundamentais” e os diversos “domicílios de argumentos” da teologia. O “lugar social” tem, pelo menos, três características fundamentais: 1. “é o lugar pelo qual se optou”, mais ou menos conscientemente. 2. “é o lugar a partir do qual se pode e para o qual se fazem as interpretações teóricas e os projetos práxicos”. 3. “é o lugar que configura a práxis que se leva e ao qual se dobra ou se subordina a própria práxis”. Quando fala de “lugar”, Sobrino fala como Ellacuría, de “realidade”, de “lugar social”. Cf. PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como intelecção do reinado de Deus*, pp. 257-259.

¹²³ O *lugar teologal* fundamental em Sobrino e Ellacuría é o mundo dos pobres e oprimidos. É o lugar privilegiado da salvação ou da realização histórica do reinado de Deus. Num duplo sentido: lugar da revelação salvífica do Deus bíblico e da fé e do seguimento. Cf. *Ibid.*, p. 265.

¹²⁴ Segundo Vera Ivanise Bombonato, a proximidade do sofrimento dos pobres, a sensibilidade à dor humana e a docilidade ao espírito levaram Sobrino a orientar o tempo, as forças físicas, a ternura de seu coração e a agudez de sua inteligência em favor das vítimas deste mundo. Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O compromisso de descer da cruz os pobres*, p. 38.

¹²⁵ Sobrino testemunha que a razão pela qual a realidade do Mistério de Deus se fez central em seu itinerário, se devia ao modo como ia impactando sua vida concreta. Segundo ele, “ mais profundo de sua realidade - e de toda realidade humana - se fazia “mistério”. Por expressá-lo desde o princípio, crê que aprendeu e que lhe ensinaram a historiar o mistério e a vê-lo no povo crucificado e esperançado. Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia desde La realidad*, pp. 158-159.

Mistério Pascal e da experiência de um encontro autêntico com Jesus de Nazaré.¹²⁶

Inserido numa realidade de sofrimento e morte, age em favor da vida das vítimas como mártir sobrevivente,¹²⁷ e como testemunha da cruel pobreza e da injustiça de grandes massacres. Enfim, é um teólogo que se autoafirma pela sua opção pelas vítimas, pensa a fé em Jesus Cristo no contexto dos povos crucificados, centra seu labor teológico no Mistério imbuído de misericórdia, de mística e de profecia. Bem como, do desejo de testemunhar em favor das vítimas e de resgatar as não-vítimas para um despertar da inumanidade em vista de um compromisso autêntico e comprometido para que os povos tenham Vida.

Neste sentido, cabe aqui, o testemunho de Leonardo Boff: “Jon Sobrino ensinou-nos como as Igrejas podem colaborar na ressurreição desses crucificados”.¹²⁸

2.2.3.

Sua vida, seu itinerário teológico.

Aprendi que a fé em Deus é, definitivamente, fazer a vontade de Deus, seguir Jesus com o espírito de Jesus na causa do Reino de Deus. E o mais importante é que em El Salvador vi muito claramente essa fé, e dela deram claro testemunho inumeráveis mártires.¹²⁹

Jon Sobrino nasceu em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938. Optou pela Consagração Religiosa na Companhia de Jesus em 1956 e

¹²⁶ Ele mesmo afirma: “A importância de Jesus de Nazaré consiste em que definitivamente, nos deixa uma estrutura de vida que podemos refazer para introduzirmos em ser acolhidos pelo Mistério de Deus: encarnação, práxis de misericórdia e justiça, carregar com o oneroso da realidade, a cruz, deixar-se levar pela realidade, a graça, que culmina em vivermos já como ressuscitados na história”. Ibid., p. 165.

¹²⁷ Sobrino é o único sobrevivente do extermínio de seis jesuítas da Universidade Centro-Americana (UCA – San Salvador), ocorrido a mando de grupos políticos e paramilitares que a qualquer custo desejavam reprimir, com sangue, a exigência de justiça de um povo inteiro oprimido pelas “doze famílias” e seus “esquadrões da morte”. Cf. SCALIA, Felice. *La teologia scomoda*, p. 7.

¹²⁸ BOFF, Leonardo. *Prólogo. Descer da cruz os pobres*, p. 10.

¹²⁹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 25.

recebeu a ordenação presbiteral em 1969.¹³⁰ Desde 1957, reside em El Salvador, onde se radicou,¹³¹ pertencendo à Província dos Jesuítas da América Central. No ambiente teológico latino-americano, sua reflexão cristológica é referência essencial, e suas obras são amplamente difundidas também nos países do Primeiro Mundo.

Com ampla formação acadêmica, licenciou-se pela *Saint Louis University* (Estados Unidos) em Filosofia e Letras no ano de 1963 e, na mesma Instituição, obteve em 1965 o mestrado em Engenharia Mecânica. Sua formação teológica abrange o período do contexto pré-conciliar, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, no ano de 1968. Doutorou-se em Teologia na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt, na Alemanha, em 1975. Sua tese versa sobre o *Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de Wolfhart Pannenberg y Jürgen Moltmann*, dois eminentes teólogos protestantes. Recebeu o título de doutor *honoris causa* pelas Universidades de Lovain, na Bélgica e de Santa Clara, na Califórnia no ano de 1989.¹³²

Desde a década de setenta, ele tem se dedicado à docência teológica na Universidade Centro Americana (UCA) e publicado diversas obras nas áreas de cristologia e espiritualidade. Atualmente, compartilha seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centro Americana; de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero; de diretor da Revista Latino-Americana de Teologia e do Informativo; *Cartas a las Iglesias*, além das tarefas pastorais e inúmeras solicitações para palestras e congressos provindos de todas as partes do mundo.¹³³

Jon Sobrino distingue-se na literatura da teologia da libertação, sobretudo pela reflexão cristológica, desenvolvida na perspectiva dos pobres do Terceiro Mundo. Sua primeira obra teológica publicada entre os anos 1976-1977, a qual foi

¹³⁰ Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*, p. 21.

¹³¹ Ao escrever sua autobiografia, Sobrino declara que vive em El Salvador desde 1957, contando com duas grandes interrupções: cinco anos em St Louis nos Estados Unidos, e sete anos em Frankfurt na Alemanha. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 12.

¹³² Cf. Revista On-Line do Instituto Humanitas Unisinos – www.unisinos.br/ihu. *Teologia da Libertação*. São Leopoldo, 02 de abril de 2007 | edição 214. Acessado no dia 29/11/2009.

¹³³ Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 22.

traduzida também para o português, tem como título *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, (Vozes, 1983). Esta obra apresentada como uma *cristologia eclesial, histórica e trinitária*, insere Jon Sobrino entre os teólogos da libertação e é identificada como “o projeto cristológico mais elaborado na perspectiva da teologia da libertação”.¹³⁴ Outras significativas obras foram publicadas em português: *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*, (Loyola, 1982); *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*, 1985; *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*, (Loyola, 1992); *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*, (Vozes, 1994); *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*, (Vozes, 1996); *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das Vítimas*, (Vozes, 2000); *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*, (Sinodal, 2007); *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. (Paulinas, 2008).

A propósito de seu itinerário teológico e contexto vital, Sobrino diz que foi muito bom conhecer o contexto de Ellacuría para compreender seus textos teológicos. Entre eles, um texto escrito, pouco antes de Puebla (1979), intitulado: *O povo crucificado. Ensaio de soteriologia histórica*. O qual devia muito ao ambiente vital, pois foi gerado por um coração afetado pela opressão e repressão que sofriam os pobres, bem como, pela luz e salvação que encontrava neles.¹³⁵ Este texto teve grande repercussão em sua vida e daí por diante, em seu labor teológico.

2.3.

O labor teológico de Jon Sobrino na perspectiva das vítimas desde a realidade

Além disso, pessoalmente tocou-me viver numa realidade de uma intensidade tal que fez com que tenha dado prioridade ao real na tarefa teológica (ainda que me remeta também a ‘textos’, a Escritura, os textos de teologia e de outras ciências, e

¹³⁴ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2ª edição. São Paulo, Loyola, p. 364.

¹³⁵ Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia desde La realidad*, p. 153.

ver a óbvia necessidade de mediações). A realidade mais densa, histórica e transcendente, se fez presente a mim nos mártires.¹³⁶

A realidade salvadorenha marcou profundamente a vida de Jon Sobrino. Ele tem testemunhado os terríveis massacres e terremotos, a pobreza e a injustiça. Por outro lado, tem percebido a luminosidade, esperança, criatividade, solidariedade e generosidade sem conta das vítimas de El Salvador.¹³⁷

O contexto eclesial também influenciou seu labor teológico, sua missão e seu testemunho. Daí a importância que ele dá a este período inesquecível que impregnou a realidade de Mistério. Sua sabedoria teológica ressalta o coração pulsante de Medellín que reorientou o cristianismo no caminho de Jesus, como ele mesmo comprova: “Sem Medellín caímos na irrealidade do atual mundo de pobres e vítimas”.¹³⁸

Ronaldo Muñoz diz que desde os inícios de sua *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, até o recente ensaio “*Extra pauperes nulla salus*” (“*Fora dos pobres não há salvação*”), tem havido, por parte de Sobrino, longa busca e enorme realismo histórico de comunhão ampla e explícita com a fé da Igreja, de serviço teológico claro e responsável ao discipulado de Jesus à causa do Reinado de Deus nas terras da América Latina.¹³⁹ E Comblin acrescenta que as obras de Sobrino não estão isoladas. “Historicamente, elas são parte de um debate que permeou todo o século XX, especialmente a segunda metade”.¹⁴⁰

¹³⁶ SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p. 289.

¹³⁷ Eis um de seus testemunhos: “Eles, Pobres e Vítimas - mulheres, sobretudo, com seus filhos pequenos -, ainda no meio da catástrofe e no impossível dia-a-dia, cumprem notavelmente e põem em prática o chamado de Deus para viver e dar vida aos outros”. Cf. *Ibid.*, p. 296.

¹³⁸ *Id.* *Terremoto, terrorismo, barbárie y utopia*, pp. 208-209.

¹³⁹ Cf. MUÑOZ, Ronaldo. *A notificação a Jon Sobrino*, p. 217.

¹⁴⁰ Cf. COMBLIN, José. *Reflexões sobre a Notificação enviada a Jon Sobrino. In: Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo, Paulinas, 2007, 80.

2.3.1.

A teologia da libertação

Sinivaldo Tavares diz que Sobrino pôs em evidência a importância dada pela TdL Latino-Americana ao lugar sob o prisma em que ela é elaborada. E neste mesmo contexto, se fez referência às ramificações deste lugar teológico e se falou, então, de “lugar social” e de “lugar epistêmico”, como também de “lugar categorial” próprios desta teologia, chegando à conclusão que, independentemente do lugar institucional em que é elaborada, a TdL latino-americana está consciente de ter de inserir-se na realidade substancial do “mundo dos pobres” na sua dupla experiência histórica e atual de sofrimento e de esperança.¹⁴¹

Segundo Sobrino, na epistemologia teológica, o lugar (a realidade histórica concreta) faz com que a fonte da Revelação (a Escritura) dê de si um *ubi* categorial e um *quid* substancial; a realidade, a *sarx*.¹⁴² “Estando na *sarx* se pode ver melhor a realidade, e se torna possível a honradez com o real – também para a teologia. Não é fácil ‘ver’ a realidade, pois ambiental ou ideologicamente caímos no estado de hibernação”.¹⁴³ Destarte, ao confirmar a eficácia da fé no Mistério, se faz necessária a percepção do uso da sociologia na teologia da libertação.¹⁴⁴

A seiva teológica de Jon Sobrino é o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado.¹⁴⁵ Em sua autobiografia, ele relata sobre a transformação de sua vida desde El Salvador: “[...] Por isso procurei explicar em que consiste essa

¹⁴¹ Cf. TAVARES, Sinivaldo S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*, p. 164.

¹⁴² Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia e realidade*, p. 221.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Lembramos aqui a obra de Paulo Fernando C. de Andrade que apresenta a evolução da teologia latino-americana, aprofundando as questões epistemológicas da relação entre a sociologia e a teologia e sua recepção pelo Magistério. Seu objetivo é verificar o uso prático da sociologia na elaboração teológica latino-americana e suas conseqüências pastorais. Portanto, aborda o processo de definição e evolução do uso da sociologia pela teologia, ressalta a dificuldade da escolha de um instrumental teórico sociológico com as principais questões temáticas e as interpretações dadas pela doutrina católica. Assim o faz, definindo o método e o objeto de sua argumentação e recorrendo à sua relação com o magistério ordinário não-falível. O mesmo, afirma que “desde o início, esta Teologia que se autocompreendia como uma ‘teologia que parte da práxis’ trará consigo a questão do uso de um instrumental sociológico de análise da realidade no interior do método teológico”. Cf. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e Eficácia: O uso da Sociologia na Teologia da Libertação*, pp. 28-29 e p. 258.

¹⁴⁵ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, pp.11-28.

mudança fundamental, vista de El Salvador, comparando-a com outra que está na base da assim chamada civilização ocidental moderna”.¹⁴⁶

A uma “etapa prévia” da vida de Sobrino, sucederam-se dois momentos¹⁴⁷ significativos comparados como um duplo *despertar do sono dogmático*, ou seja, “libertação da razão de qualquer tipo de sujeição a uma autoridade, o que levou a proclamar como dogma que a libertação fundamental do ser humano consiste na liberdade da razão e em todo tipo de liberdade”,¹⁴⁸ e *do sono da cruel inumanidade*, ou seja, “despertar para a realidade de um mundo oprimido e subjugado, e fazer de sua libertação a tarefa fundamental de todo ser humano para que, deste modo, este possa se tornar humano”.¹⁴⁹

O despertar do sono dogmático foi sua primeira “conversão”, que o levou a profundos questionamentos. O contato com os Filósofos da Ilustração (grandes mestres da suspeita: Kant e Hegel, Marx e Sartre), o desenvolvimento da exegese histórico-crítica, a desmitologização de Rudolf Bultmann (+ 1976) e a desabsolutização da Igreja marcaram este primeiro despertar durante seus estudos de Filosofia e teologia. Karl Rahner foi sua principal referência nessa época de grandes sacudidas: “A teologia de Rahner [...] acompanhou-me durante aqueles anos, e suas páginas sobre o mistério¹⁵⁰ de Deus continuam me acompanhando até o dia de hoje”.¹⁵¹

O despertar do sono da cruel inumanidade, (sono do egocentrismo e do egoísmo) foi a segunda mudança em Sobrino. Isso ocorreu quando ele retornou a El Salvador, após a conclusão de seu doutorado em Teologia. Para sua surpresa, alguns companheiros jesuítas já falavam de pobres, de injustiça e de libertação:¹⁵²

¹⁴⁶ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 11.

¹⁴⁷ Sobrino descreve em tom biográfico os eventos mais significativos de sua vida, fazendo referência às mudanças que o fizeram ver a verdade da realidade (*verdade dos seres humanos e verdade de Deus*). Cf. *Ibid.*, pp. 12-16.

¹⁴⁸ *Ibid.* 11.

¹⁴⁹ *Ibid.* 12.

¹⁵⁰ Vera I. Bombonato diz que explicitamente, Jon Sobrino nada escreveu sobre o mistério, mas essa descoberta teve consequências decisivas para sua trajetória teológica, constituindo uma espécie de substrato teológico. “Para ele, todo o conhecimento teológico participa do mistério, e a razão mais profunda do seu interesse pela cristologia reside na certeza de que Jesus de Nazaré remete-nos ao mistério de Deus e do ser humano: na relação desses dois mistérios aparece o mistério total”. Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p.23.

¹⁵¹ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 13.

¹⁵² *Ibid.* p. 14.

Encontrei jesuítas, sacerdotes e religiosas, leigos, camponeses e estudantes, inclusive alguns bispos, agindo em favor dos pobres e se metendo em sérios conflitos por causa disso. Eu era recém-chegado e estava surpreso, e não sabia com o que podia contribuir. Mas desde o princípio ficou bem claro para mim que a verdade, o amor, a fé, o evangelho de Jesus, Deus, o melhor que os crentes e os seres humanos temos, passava por aí, pelos pobres e pela justiça.¹⁵³

Ao despertar deste sono, os pobres, as vítimas e o Deus dos pobres passaram a ocupar definitivamente o novo horizonte de sentido da sua teologia. Esta nova perspectiva colocou em destaque o vínculo de solidariedade entre Deus e os pobres deste mundo e em certo sentido exigiram-lhe uma transformação relevante em seu pensar teológico.

Nesta situação tive a dita de encontrar outros que já haviam despertado do sono da inumanidade: Ignacio Ellacuría e, depois, Monsenhor Romero, para citar só dois grandes salvadorenhos, cristãos e mártires, grandes irmãos e amigos. Porém, além destes encontros bem-aventurados, pouco a pouco fui me encontrando com os pobres reais, e creio que eles acabaram de me despertar.¹⁵⁴

A respeito de seu processo de transformação pessoal, Sobrino declara em atitude concentrada: “[...] despertamos de um sonho de inumanidade para uma realidade de humanidade. Aprendemos a ver a Deus desde este mundo de vítimas e aprendemos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria e sentido da vida”.¹⁵⁵

Este grande processo de mudança o conduziu a discernir se mudava o modo de fazer teologia ou o abandonava por completo. Porém, os novos impulsos provocados pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e pela II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em 1968, foram delineando seu pensamento e seu fazer teológico impregnando-os da realidade salvadorenha,¹⁵⁶ banhada de tragédia e esperança, pecado e graça. Esta realidade, muito cooperou para um maior aprofundamento acerca da pessoa de Jesus Cristo:

A realidade salvadorenha nos deu muito que pensar e nos ajudou também a pensar sobre Jesus Cristo. [...] Tanta tragédia e tanta esperança, tanto pecado e tanta graça oferecem um poderoso horizonte hermenêutico para compreender Cristo e fazem com que o evangelho tenha o sabor de realidade.¹⁵⁷

¹⁵³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 14.

¹⁵⁴ Ibid. p. 15.

¹⁵⁵ Ibid, p. 28.

¹⁵⁶ Cf. BOMBONATTO, Vera. *Ivanise. Seguimento de Jesus*, p. 23.

¹⁵⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 21.

2.3.2.

Uma teologia trinitária que se inclina sobre as vítimas

Seja nessa linguagem teológica - de fé -, seja em qualquer outra linguagem, é decisivo ver as vítimas com respeito, devoção e veneração, pois nos colocam diante do mistério último da realidade. Talvez possam remeter-nos também ao mistério de Deus, o impensado, que – em sua abscondidade e ocultação – continua sendo fonte de dignidade e de esperança.¹⁵⁸

O labor teológico de Sobrino é fundamentado no seguimento a Jesus, em sua constante relação com o Pai. Sua vida, sua práxis, é o ambiente por excelência da revelação do Espírito que nos retorna ao Jesus histórico e nos impulsiona a seguir em frente com fidelidade atualizando sua práxis libertadora. De acordo com ele, em Jesus de Nazaré, Deus revelou-se como Pai, origem e futuro absoluto, mistério salvífico e escandaloso que permanece mistério; como Filho, encarnado na história de Jesus; como Espírito, interiorizado nos homens e na história, que continua produzindo verdade e vida.¹⁵⁹

Para o cristão, Deus se manifestou definitivamente a partir de Jesus de Nazaré, de sua vida, morte e ressurreição, de modo que a partir de Jesus se conhece a Deus. Com esse ‘a partir’, porém, quer-se dizer duas coisas: que Deus se manifestou a Jesus em sua carne mortal, sendo este ‘pioneiro e consumidor da fé’ (Hb 12,2), e que Deus se manifestou definitivamente em Jesus – ‘nessa etapa final nos falou pelo Filho’ (Hb 1,2) – como Pai, Filho e Espírito.¹⁶⁰

Sobrino diz que, para Jesus, Deus é um Deus dos pobres. E sua grande ação é a proximidade do Reino aos pobres.

Deus se aproxima como o Deus de vida, embora parcial e libertador. Daqui a correlação entre boa notícia e Reino de Deus (cf. Mc 1,15) e a correlação entre boa notícia e libertação dos pobres (cf. Lc 4,18-19). Desta forma, Jesus acolhe *in actu*, em sua apresentação de Deus, as tradições do Êxodo e dos profetas.¹⁶¹

¹⁵⁸ SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*, p. 54.

¹⁵⁹ Cf. Id. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a Cristologia*. São Paulo / Petrópolis: Loyola / Vozes, 1985, p. 84.

¹⁶⁰ SOBRINO, Jon. *Deus*, p. 174.

¹⁶¹ *Ibid*, p. 175.

Percebe-se que do lugar das vítimas deste mundo brota a reflexão teológica de Jon Sobrino e, ao mesmo tempo, elas são seus destinatários privilegiados. As expressões as vítimas deste mundo ou os povos crucificados,¹⁶² sinônimos da palavra pobre, querem resgatar a dramaticidade atual do mundo da pobreza e a responsabilidade histórica diante dela.¹⁶³ Tal perspectiva está abalizada na predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo.¹⁶⁴

A opção pelas vítimas é teocêntrica,¹⁶⁵ porque o Cristo que lhes dá Vida, passa pela cruz, é o Crucificado-Ressuscitado. Jon Sobrino estabelece um círculo hermenêutico que conduz a uma reflexão sobre a teologia em defesa das vítimas e a introduzir as mesmas no âmbito da realidade teológica: “[...] de um lado, a perspectiva das vítimas ajuda a entender os textos cristológicos e a conhecer melhor Jesus; de outro, Jesus conhecido desta forma ajuda a compreender melhor as vítimas e a defendê-las”.¹⁶⁶

2.3.3.

O rosto humano de Deus nas vítimas: A relevância do Reino de Deus

As vítimas deste mundo são o lugar do conhecimento de Deus, mas o são sacramentalmente. Dão a conhecer Deus porque o fazem presente. [...] Estar ao pé da cruz de Jesus e estar ao pé das cruzes da história é absolutamente necessário para conhecer o Deus crucificado.¹⁶⁷

¹⁶² As expressões “povos crucificados” e “descer da cruz os povos crucificados” foram criados por Ignacio Ellacuría. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 366.

¹⁶³ Cf. Id. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 13.

¹⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 16.

¹⁶⁵ Ou seja, fundamenta-se em Deus mesmo, no ser de Deus, como declara Gutierrez: “Digamo-lo com clareza: a razão última dessa opção está no Deus em quem cremos. (...) Trata-se, para o crente, de uma opção teocêntrica, baseada em Deus”. G. GUTIÉRREZ, “El Dios de la Vida”, *Christus* 47(1982)53-54, G. GUTIÉRREZ, *La fuerza histórica de los pobres*, Lima, 1980, pp 261-262. Apud VIGIL, José María. *A opção pelos pobres é opção pela justiça, e não é preferencial. Para um reenquadramento teológico-sistemático da opção pelos pobres*. In: <http://www.servicioskoinonia.org>. Acessado em 28 de dezembro de 2010.

¹⁶⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 18.

¹⁶⁷ Id. *Jesus, o libertador*, p. 364.

Sobrino interpreta o mistério do Verbo Encarnado a partir do texto de João: “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14a). Esta exprime a vontade de realidade do próprio Deus, de fazer-se real no débil da carne dos pobres e das vítimas:¹⁶⁸ “A humanidade de Jesus é aquilo que a fé cristã pode hoje oferecer, para que o humano tenha futuro”.¹⁶⁹ Ele lembra que, segundo o Novo Testamento, a humanidade de Jesus é evidente e insiste que voltar a Jesus é tarefa perene e nunca se deve dar por suposta.¹⁷⁰ E diz que em sua vida, Jesus sempre caminhou com o Deus-mistério, praticando continuamente o Deus do Reino. Vale dizer, “praticando o direito, amando com ternura e caminhando humildemente com Deus” (Mq 6,8). Sendo assim, ele sempre se confronta com uma realidade última a qual chama de Pai, e esse Pai continua sendo o último para Jesus, quer dizer, Deus.¹⁷¹ Jesus se revela como Filho de Deus Pai por suas palavras, orações, práticas libertadoras, morte e ressurreição na força do Espírito Santo. Nele, revela-se o Espírito Santo que o envia para anunciar a boa nova aos pobres. Nele vem ao mundo a Palavra de Deus aos homens e o acesso dos homens a Deus.¹⁷²

Sobrino segue o modelo trinitário grego, onde a Trindade é compreendida da seguinte forma: “o Pai é a origem sem origem dentro de Deus; o Filho é a Palavra que o Pai se diz dentro de si; o Espírito é o amor que une o Pai e o Filho”.¹⁷³ Dizer que Deus é Pai, é dizer que Deus é fonte de vida, é companheiro de caminhada que faz viver e que se revela em gestos de profunda gratuidade e proximidade.¹⁷⁴ Dizer que Deus é Filho implica o acolhimento do fato histórico de Jesus de Nazaré. Ou seja, confessar que o Ressuscitado é Jesus de Nazaré, que anunciou o Reino de Deus aos pobres, denunciou os poderosos, foi perseguido e injustiçado, e manteve em tudo isso uma radical fidelidade à vontade de Deus e uma radical confiança nesse mesmo Deus, que chamava de Pai.¹⁷⁵

Jesus é o Filho amado de Deus, unido a Deus e obediente a Deus. Ele assume a postura de servo. É Filho agradável a Deus porque é o servo,

¹⁶⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 429.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 430.

¹⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 408.

¹⁷¹ Cf. *Id. Jesus, o libertador*, p. 206.

¹⁷² Cf. *Id. Deus*, p. 177.

¹⁷³ Cf. SOBRINO, Jon. *Deus*, p. 178.

¹⁷⁴ Cf. *Id. A Fé em Jesus Cristo*, p. 198.

¹⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 134.

compreendido em sua totalidade: aquele que realiza a sua missão na terra e está disposto a sofrer o destino da cruz¹⁷⁶.

Em Jesus Cristo, a Palavra de Deus torna-se carne. Em Jesus, encontram-se todos os atributos salvíficos de Deus. Nele, Deus é conhecido de modo mais íntimo e pessoal, pois ele O trata de meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus¹⁷⁷. É o Espírito Santo quem nos leva à experiência e ao conhecimento de Deus-Pai e de Deus-Filho. Para Sobrino, é Ele que nos permite conhecer, reconhecer e viver em Cristo. É o Espírito Santo que remete sempre de novo ao que Jesus escreveu com sua vida para que se possa escrever àquela que corresponde a cada um.¹⁷⁸

Durante a sua vida, Jesus despertou expectativas, esperanças e entusiasmo, e consequentemente foi capaz de desencadear as perguntas sobre quem era Ele.¹⁷⁹ Seus seguidores foram testemunhas de algo especial na relação de Jesus com Deus e com o Reino.¹⁸⁰ Por isso, Sobrino insiste que o Reino de Deus pregado por Jesus deve ser tema central e analisado com o olhar fixo em Jesus de Nazaré, levando em conta a história real do mundo.¹⁸¹ Isto requer uma fé e uma espiritualidade mais jesuânicas; uma igreja mais parecida com Jesus e, na realidade do Terceiro Mundo, uma plêiade de profetas da verdade, desmascaradores dos ídolos e de mártires da compaixão e da justiça.¹⁸²

O Deus revelado por Jesus é um Deus compassivo e descentrado de si mesmo.¹⁸³ Diante dessa realidade, Ele faz – primordialmente – a opção pelos pobres e vítimas.¹⁸⁴ Jesus de Nazaré acreditou num Deus que reina em favor dos pobres, a serviço do qual deve estar o próprio povo. Foi essa a sua esperança e sua utopia e, por essa causa, ele trabalhou.¹⁸⁵ Jesus revela Deus também em sua morte

¹⁷⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 272.

¹⁷⁷ Cf. Id. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 93.

¹⁷⁸ Cf. Id. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 305.

¹⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 162.

¹⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 163.

¹⁸¹ Cf. SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, pp. 67-78.

¹⁸² Cf. *Ibid.*, p. 67.

¹⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 69.

¹⁸⁴ Cf. *Ibid.*, p. 70.

¹⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 74.

na cruz. A vida e a cruz de Jesus é aquilo em que o amor de Deus aos homens se expressa e se torna o mais real possível.¹⁸⁶

Sobrino diz que a palavra final do Novo Testamento sobre a cruz de Jesus é que nela se expressou o amor de Deus. O amor salva e a cruz é expressão do amor de Deus.¹⁸⁷ Assim ele declara:

Para reconhecer Deus na cruz não há nenhuma receita, e num primeiro momento na cruz não há senão silêncio e escândalo. Se na fé, no entanto, se aceitar que Deus está aí, [...] precisamos estar dispostos à encarnação ao pé da cruz e a baixar os crucificados de suas cruzes.¹⁸⁸

Sobrino chama Jesus Cristo de parábola viva.¹⁸⁹ Pois Ele é o caminho de Deus para este mundo de vítimas e de mártires, e é o caminho para o Pai e o caminho para os seres humanos, sobretudo para os pobres e as vítimas deste mundo.¹⁹⁰

Marcado pela realidade salvadorenha, banhada pelo sangue dos mártires e irrigada pela luminosidade de um povo criativo que resiste a todos os sinais de morte; Sobrino pode, portanto, proclamar que esta realidade está impregnada por Deus e seu Mistério. E que muito se pode aprender das vítimas, dos mártires e de uma Igreja que soube fixar o olhar em Jesus Cristo e assumir a sua causa.

2.4.

A realidade martirial centro-americana, impregnada do Mistério do Reino de Deus.

Em El Salvador, existiu uma tradição magnífica: a entrega e o amor aos pobres, o enfrentamento aos opressores, a firmeza no conflito, a esperança e a utopia que passavam de mão em mão. Nessa tradição, ‘resplandecia o Jesus do evangelho e o

¹⁸⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 335.

¹⁸⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 335-336.

¹⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 364.

¹⁸⁹ “A essa parábola viva que é Jesus Cristo, em última instância, só se pode dar uma resposta pessoal”. Id. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 500.

¹⁹⁰ Cf. *Idem.*

mistério de seu Deus'. [...] Não podemos dilapidar essa herança e devemos fazer com que ela chegue aos jovens.¹⁹¹

Situados no contexto Latino-Americano, numa Igreja que convoca a celebrar sempre de novo o Memorial do Mistério Pascal, a realidade a ser refletida é a realidade dos mártires.¹⁹² Recordar significa auscultar a história e celebrá-la, tendo sempre em vista o passado, o presente e o futuro. Sabe-se que o Reino pelo qual Jesus viveu e morreu, continua agindo interpelando a buscá-lo continuamente, acompanhado de sua justiça. Estes mártires também foram testemunhas de Jesus de Nazaré, o Mártir Supremo, a Testemunha Fiel que assumiu as causas e os conflitos do Reino até a morte de cruz.

Às questões: Por que lembrar os Mártires? O que motiva recordá-los? Qual é o objetivo?- o próprio Sobrino responderá em sua carta intitulada *Carta a Ellacuría – Romero e Tu*. Eis o último parágrafo, no qual ele ressalta a importância de recordar *os* mártires jesuânicos e *os* povos crucificados:

Minha intenção é ajudar as novas gerações, àqueles que não sobram orientação cristã e salvadorenha. Que saibam que uma vez houve um país e uma Igreja extraordinária: a de Dom Romero. [...] E tu és um mistagogo de luxo para introduzir-nos em sua pessoa. Por isso, vou recordar como vocês dois se relacionaram. As pessoas sabem que os dois foram eloquentes profetas e mártires. Mas gosto de lembrar outra semelhança importante sobre como começaram. Os dois receberam uma tocha cristã e salvadorenha e, sem discernimento algum, fizeram a opção fundamental de mantê-la ardendo [...].¹⁹³

¹⁹¹ Cf. <http://www.ihu.unisinos.br>. *Mártires em El Salvador: uma memória que continua forte*. 20 anos depois. Acessado em 25 de Novembro de 2009.

¹⁹² Sobrino diz que para a teologia, é possível conceber o martírio como possível objeto de reflexão. Cf. SOBRINO, Jon. *Teologia e Realidade*, p. 283.

¹⁹³ Cf. Id. *Dom Romero e tu: Carta de Jon Sobrino a Ignacio Ellacuría*. Publicada no sítio Religião Digital, 27-10-2009. Tradução de Moisés Sbardelotto. <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em 25 de Novembro de 2009.

2.4.1.

O Mártir Jesus de Nazaré

A revelação de Deus em Jesus Cristo na perspectiva das vítimas revela que a vida dos Mártires está relacionada com a vida do Mártir por excelência, Jesus de Nazaré. O Revelador de Deus é atualizado em cada momento do contexto histórico, próximo dos Povos Crucificados e em favor da vida das vítimas e dos mártires. Fixar o olhar no rosto humano de Deus, Jesus de Nazaré, requer uma postura atenta à realidade circundante. Somente nela, poderá crescer em cada pessoa, um autêntico compromisso libertador de reflexão acadêmica, de anúncio e de presença na perspectiva das vítimas da história.

Em espírito de oração no Memorial dos Mártires da Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires,¹⁹⁴ a reflexão teológica insiste em contemplar a Igreja Latino-Americana que possibilita celebrar comprometidamente a memória de todos os que deram ou dão suas vidas pela causa do Reino de Deus, para que sempre reacenda a mesma tocha que neles e nelas arderam. Bem como, das vidas das vítimas, dos pobres, dos povos crucificados, entrelaçadas na vida dos mártires

¹⁹⁴ Fala-se aqui, do Memorial localizado na Comunidade Nossa Senhora dos Mártires em Jardim Amapá na Baixada Fluminense. Eis a história deste memorial em forma de música que é contada e cantada para recordar: “Numa madrugada fria no mês de Maria, tranqüila, dentro de casa, uma família dormia. O pai era comerciante, a mãe, dona de casa. Tinham três filhinhas lindas e mais um, esperava. Foi quando homens invadiram a vida daquela família. E sem dó, sem piedade, executaram um a um. Como pode haver tanto mal dentro de um ser humano que acaba com os planos de uma simples família? Ao amanhecer o dia, abriram a porta. E quando entraram, encontraram a família morta. Vieram lágrimas nos olhos de quem estava presente. Um homem, uma mulher grávida e mais três inocentes. Mas o povo não se calou, não abafou o seu grito. E fez mais que infinito, a vida desses mártires. Se juntaram com fervor a um padre lutador que fez essa história penetrar na memória. Hoje o local é santo. Tanta coisa boa está acontecendo, tanta novidade, tanto movimento. Quem conhece a história sempre se emociona. Hoje o local é santo. Aqui nossa fé em Deus é decidida. Agora nossa história já é conhecida. Onde se derramou sangue, hoje gera vida”. Letra e música de QUEIROZ, Márcio Roberto Alves de. *Nossa História*. Cf. Panfleto da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada. Paróquia São Simão, Diocese de Nova Iguaçu, 1998. Disponível também em <http://www.youtube.com/watch?v=J8c4B7jwMXc>. Criado em 21/06/2007. Acessado em 03 de Maio de 2011.

de ontem e de hoje e na vida de Jesus de Nazaré que é para nós o Mártir por excelência.¹⁹⁵

Imbuído do Espírito do Deus das vítimas, Jesus anunciou um Reino de vida e justiça para elas, e por isso sofreu e foi assassinado.¹⁹⁶ Também foi por causa do Nome de Deus, que os mártires foram testemunhas da verdade e da justiça; testemunhas fiéis do Deus da vida. Sobrino deseja que a Igreja e os crentes recordem os mártires como testemunhas da Testemunha por excelência, Jesus misericordioso com os desvalidos. Que os recordem como homens da justiça – atual versão da misericórdia – e como homens da fé no Deus da vida em presença da morte – atual tradução da fidelidade.¹⁹⁷

À luz da intrínseca relação entre mártires jesuânico e povos crucificados, Sobrino expressa de forma decisiva que só há mártires porque antes há vítimas.¹⁹⁸

Os mártires latino-americanos foram mortos por defender os pobres inocentes e indefesos que sofriam a morte lenta da opressão e a morte violenta da repressão. Houve mártires porque antes houve vítimas. E se houve muitos e generosos mártires, é porque muitas eram as vítimas que deviam ser defendidas; e grande a crueldade da qual tinham que libertá-las.¹⁹⁹

Os mártires jesuânico expressam melhor a decisão e a liberdade para arriscar a vida. Já a morte das maiorias assassinadas, dos povos crucificados, expressa mais a inocência histórica. Elas nada fizeram para merecer a morte, e por isso, são as que melhor expressam o ingente sofrimento do mundo. Sem pretendê-lo e sem sabê-lo, "completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo".²⁰⁰ Analisando-os no seu conjunto, Sobrino conclui que, com os Jesuítas e as duas

¹⁹⁵ “Sobrino diz que a libertação ficaria manca se não levasse em consideração a realidade do martírio, e vice-versa. Trata-se de aprofundar uma coisa com base na outra, esclarecendo-se ambas. Como no caso de Jesus, libertação e martírio, Reino e cruz, se esclareceram mutuamente”. Cf. SOBRINO, Jon. *De una teología solo de la liberación a una teología del martírio*. In: COMBLIN, J. GONZÁLEZ-FAUS, J. I. SOBRINO, J. (Orgs.). *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*. Madrid: Trotta, 1993 pp. 101-102. Apud TAVARES, Sinivaldo S. *O martírio cristão: expressão da misericórdia conseqüente*. In: SOARES, A. M. L. *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 135.

¹⁹⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador. Depoimento de Jon Sobrino*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 63.

¹⁹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 66.

¹⁹⁸ Cf. *Id.* *La causa de los mártires. Agradecimiento a Pedro Casaldáliga*. In: *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 25, 2008-1, p. 12.

¹⁹⁹ *Ibid.*, pp. 11-12.

²⁰⁰ Cf. SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p. 233.

mulheres, Jesus e seu Deus passaram por este mundo carregando a cruz. E recordando a frase que Ellacuría escreveu com rigor científico: “contra toda aparência, neles e nelas passou o Deus da Salvação”, ele acrescenta profeticamente: “De minha parte, tenho escrito que fora dos pobres e das vítimas não há salvação”.²⁰¹

Sobrino vê as vítimas como lugar teológico, porque elas labutam por justiça e vida com muita resistência, se esforçam na busca do necessário para a sobrevivência e em gerar a fraternidade e a celebração. Elas esperam no único necessário dom de Deus: a Vida.²⁰²

2.4.2.

A Igreja necessita dos mártires

Os mártires foram humanos, misericordiosos, verazes, justos, amorosos e crentes, e que foi isso que nos deixaram: humanidade, misericórdia, verdade, justiça, amor e fé.²⁰³

Sobrino se detém no aspecto subjetivo do testemunho da Igreja na promoção objetiva da vida justa. Ele diz que este testemunho subjetivo é a santidade da Igreja:

O que nos interessa é oferecer uma análise teológica da perseguição e do martírio e apresentá-los como a forma mais típica e acabada da santidade da Igreja, precisamente porque está dando testemunho em favor da vida justa.²⁰⁴

A Igreja precisa dos mártires para fazer emergir em plenitude a realidade do amor que se faz livremente aceitação da morte e se torna perdão para o perseguidor. O mártir pertence à Igreja, porque constitutivamente ela mesma é mártir. Em sua constituição ontológica, é-lhe impressa uma vez por todas, de modo indelével, a forma Christi, que se exprime na *kénosis* do Filho até o

²⁰¹ SOBRINO, Jon. *Los mártires de La UCA*, p. 234.

²⁰² Cf. Id. *Jesus, o Libertador*. p., 131.

²⁰³ Id. *O Princípio Misericórdia*, p. 251.

²⁰⁴ Id. *Ressurreição da verdadeira Igreja. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo, Edições Loyola, 1982, p. 178.

momento culminante da paixão e morte de cruz.²⁰⁵ Refletir Jesus de Nazaré, revelador de Deus,²⁰⁶ permite uma conexão com a história que é mestra da vida.

Segundo Sobrino, na América Latina, “as vítimas são, antes de tudo, uma realidade coletiva e massiva”²⁰⁷. Aqui, ele lembra I. Ellacuría, o qual dizia que diante da realidade histórica desse Terceiro Mundo, “é bom falar do ‘Deus crucificado’, mas é tanto ou mais necessário falar do ‘povo crucificado’ com o que, também elevava a realidade dos povos do Terceiro Mundo à realidade teologal”.²⁰⁸

Sobrino diz que a Igreja é perseguida quando ela defende a vida das maiorias pobres, denuncia a vida aniquilada injustamente e fomenta a prática histórica da justiça.²⁰⁹ Ele lembra que o ponto de partida para compreender o que é a perseguição da Igreja é o Reino de Deus. E, portanto, a perseguição da Igreja dá-se de maneira formal²¹⁰ e num sentido material.²¹¹ Ele afirma que a perseguição e repressão ajudam a Igreja a recuperar sua própria essência, gerando uma série de atitudes, dentre as quais, o empobrecimento, a solidariedade com o povo pobre, a fortaleza no sofrimento e a esperança contra esperança, culminando com o maior dos testemunhos: o martírio.²¹²

²⁰⁵ Cf. FISICHELLA, Rino. *Martírio*. In: *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis / Aparecida, Vozes / Santuário, 1994, p. 569.

²⁰⁶ “Na cruz de Jesus o próprio Deus está crucificado. O Pai sofre a morte do Filho e assume em si toda a dor da história. Nesta última solidariedade com o homem revela-se como o Deus de amor, que a partir do mais negativo da história abre um futuro e uma esperança. A existência cristã não é, então, outra coisa que participar desse mesmo processo do amor de Deus ao mundo e, desta forma, participar da própria vida de Deus”. SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 190.

²⁰⁷ Cf. Id., *Jesus, o Libertador*, p. 366.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Cf. Id. *Ressurreição da verdadeira Igreja*., pp. 179-180.

²¹⁰ “A Igreja é perseguida enquanto é uma comunidade que defende eficazmente a vida e a justiça; por isso é perseguida pelo *odium iustitiae*. [...] São perseguidos aqueles que optaram como Jesus pela vida e justiça do Reino dos pobres”. Ibid., p.181.

²¹¹ “Persegue-se a Igreja quando o povo é oprimido estruturalmente, e mais ainda, quando é reprimido por lutar por sua vida, então não só se perseguem os que fomentam o Reino de Deus, mas aniquila-se o próprio Reino de Deus”. Ibid., p.182.

²¹² Cf. Ibid., p. 183. O *martírio* é concretude de vida de uma existência plenamente humana, porque exprime a plena liberdade do homem diante da morte. Pertence à própria essência da vocação cristã, que constitui o caso sério da vida de cada um. Perguntar se hoje existem mártires, e quais são eles, é perguntar se, também hoje, a Igreja é capaz de apresentar o imutável e fiel amor trinitário de Deus. A coragem dos mártires exorta a coragem de criar sempre, incessantemente, novas formas e estilos de vida que anunciem a força vitoriosa da pessoa de Cristo vivo ainda hoje em meio aos seus, que o proclamam Senhor e Testemunha fiel, como os primeiros crentes. Cf. FISICHELLA, Rino. *Martírio*, pp. 576-577.

Desse martírio queremos afirmar que é a forma mais acabada de santidade, não só por razões teológicas gerais, mas também por razões históricas atuais, que fazem dele uma possibilidade real e não remota e o apresentam claramente como a demonstração do amor maior.²¹³

A vida do mártir revela o testemunho pleno daquele que internalizou o sofrimento alheio e que decide curar o ferido. O mártir reage com amor eficaz à situação do povo crucificado. O mártir trabalha em prol desse povo para fazê-lo descer da cruz, expresso na caridade-reativa que leva à implantação da Justiça e do Direito.

Sobrino diz que ali onde há morte como a de Jesus, na cruz, por defender as vítimas deste mundo, e com um grande grito, ali também há ressurreição, uma palavra continua ressoando e os crucificados permanecem na história. Segundo ele, os mártires da UCA (Universidad Centro-Americana José Simeón Cañas), Inácio Ellacuría, Segundo Montes, Inácio Martín Bar Amando López, Juan Ramón Moreno, Joaquim López, Júlia Elba e Celina Ramos, junto com Monsenhor Romero e tantos milhares e milhares de salvadorenos, morreram como Jesus na cruz, e por isso têm de continuar vivos como Jesus. Se assim não fosse, vã seria a fé na ressurreição de um crucificado.²¹⁴

A TdL se relaciona nomeadamente com as massas, porque recolhe a verdadeira realidade das maiorias populares, sua pobreza, seu sofrimento e sua esperança; bem como, muitas reflexões das teologias das comunidades. Sobrino recorda que Ellacuría dizia que “só se faz teologia num gabinete, a partir dos pobres. E a eles se devolve a verdade teológica a partir deles descoberta”.²¹⁵

Segundo Sobrino, Deus é um Deus dos pobres. Jesus anunciou um Reino de vida e justiça para eles, que por isso sofreu o destino dos pobres e foi assassinado. Se as maiorias populares sentem um pouco mais de ânimo para trabalhar e lutar generosa e nobremente para que a vida alcance a todos, então, mesmo sem ter ouvido uma palavra de TdL, ela já os terá alcançado.²¹⁶ Ele declara que há fé e evangelização com a encarnação. E num povo crucificado há encarnação com a

²¹³ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p. 183.

²¹⁴ Id. *O Princípio Misericórdia*, p. 251.

²¹⁵ Cf. Id. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, pp. 60-61.

²¹⁶ Ibid., p. 63.

cruz.²¹⁷ Ele afirma também que um grande amor produz uma grande esperança. Unidos ao amor dos mártires, estão os rostos das vítimas nas quais o próprio Deus está oculto, mas bem presente, solicitando que se prossiga a caminhada, seguindo a história dos pobres e prosseguindo a história de Deus.²¹⁸ Recordando os mártires jesuítas de El Salvador, ele afirma:

Eles fizeram a opção de viver na verdade pela realidade salvadorenha, uma opção fundamental pelos pobres, exigida cristãmente pelo evangelho e exigida eticamente pela realidade histórica. Sobretudo, uma opção primordialmente humana – ‘metafísica’, para poder tornar-se eles mesmos simplesmente reais e humanos.²¹⁹

2.4.3.

Os clamores das vítimas ecoam na Academia

Sabe-se que para auscultar os clamores das vítimas, dos pobres, dos povos crucificados, basta apenas estar atento à realidade que circunda. Sobrino testemunha que os mártires acadêmicos estavam na Universidade. Seu principal trabalho e a maior parte de seu tempo transcorreram na UCA, embora à UCA chegassem também fisicamente os clamores dos pobres. E vários dos mártires se aproximaram assiduamente da realidade da pobreza. Trabalharam na UCA, mas a partir de e para a realidade dos pobres. Esta realidade guiou suas ações e suas opções. O desde e o para de todo o seu trabalho foi a realidade salvadorenha empobrecida e esperançosa. Os mártires se encarnaram na realidade e testemunharam uma Igreja encarnada nos problemas do povo. Consequentemente, se eles sofreram a morte mais real em El Salvador, é porque viveram a realidade mais real de El Salvador.²²⁰ Para Sobrino, o fato de serem

²¹⁷ Cf. SOBRINO, Jon. *Os seis Jesuítas Mártires de El Salvador*, p. 67.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 69.

²¹⁹ *Id. O Princípio Misericórdia*, p. 252.

²²⁰ *Ibid.*, p. 253.

intelectuais numa universidade e religiosos numa Ordem, não lhes impediu de se encarnarem como Jesus, na realidade de nosso mundo.²²¹

2.4.3.1.

Os Mártires Jesuítas

Os mártires jesuítas em El Salvador encarnaram-se na realidade de todo um povo crucificado e dedicaram sua vida a curar os feridos. E da mesma forma que o samaritano da parábola, em presença de um povo crucificado, deixaram-se mover pela misericórdia. O sofrimento de todo um povo se interiorizou e reagiram.²²² Como seres humanos de compaixão e misericórdia, trabalharam e serviram na Universidade, na Companhia de Jesus e na Igreja.²²³ Seguidores de Jesus, os mártires da UCA reproduziram de forma real, a vida de Jesus. Fixaram o olhar nos pobres reais, e moveram-se pela compaixão. Colocaram ciência, talentos, tempo e descanso a serviço da verdade e da justiça. Lutaram contra os demônios de fora, os opressores, oligarcas, governos, forças armadas, e defenderam os pobres.²²⁴

“Morreram como Jesus e, portanto, são os *mártires jesuítas*, referência essencial para os cristãos e para qualquer um que queira viver humana e decentemente no mundo. Seu batismo foi de Espírito, de Sangue e seguiram a Jesus”.²²⁵

2.4.3.2.

Os Povos Crucificados

O labor teológico torna-se profético na medida em que é suscitado pelos clamores da realidade. Sobrino proclama que milhares de pessoas sofrem

em guerras e invasões: Afeganistão, Iraque, Palestina; no manuseio da medicina e farmácia: malária, AIDS; em péssima ecologia: inundações, desertificação, perdas na agricultura; nas catástrofes naturais: a imensa maioria daqueles que morrem nos terremotos não podem construir casas com aço inoxidável suficiente, vivem nas ladeiras dos montes e nas ribeiras dos rios, ou junto às vias do trem...²²⁶

²²¹ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, pp. 253-254.

²²² *Ibid.*, p. 254.

²²³ *Ibid.*, p. 255.

²²⁴ *Id. Los mártires de la UCA. Exigencia y gracia*, p. 229.

²²⁵ *Idem.*

²²⁶ *Cf. Ibid.*, p. 231.

Ele as nomeia de Servo sofredor de *Yahweh* em nossos dias; o povo crucificado.²²⁷ De acordo com ele, o povo crucificado morre cruelmente, com grande frequência depois de uma vida de grandes sofrimentos. É um povo que vive e morre anonimamente.²²⁸ Portanto, no círculo da fraternidade, urge celebrar a memória de todos os mártires, das vítimas de catástrofes e de violência. Celebrar os mártires jesuânicos implica recordar os povos crucificados. Estes conduzem aqueles em sua fé, daquela que se pode ter alguma notícia, ainda que seja caminhando em silêncio e na ponta dos pés.

Os mártires foram mortos por defender os pobres inocentes e indefesos que sofriam a morte lenta da opressão e a morte violenta da repressão. Houve mártires porque antes houve vítimas. E, se houve muitos e generosos mártires, é porque muitas eram as vítimas que deviam ser defendidas e grande a crueldade da qual tinham que libertá-las.²²⁹

2.5. A modo de conclusão

Neste primeiro capítulo que foi tecido à luz de algumas questões, sinalizaram-se as interpelações da realidade atual; apresentou-se o perfil da vida de Jon Sobrino e a hermenêutica de seu labor teológico iluminado pelo Mistério de Deus e pelo Mistério da Realidade, na qual ele atualiza a proposta do Evangelho de Jesus Cristo. Por último, refletiu-se a realidade martirial centro-americana impregnada do Mistério do Reino de Deus.

Percebeu-se que à luz da reflexão teológica latino-americana é importante insistir na memória da vida dos mártires para que reacenda em cada pessoa a mesma tocha do ardor pela causa do Reino de Deus que neles arderam. Inspirando-se neles e com os olhos fixos no rosto humano de Deus, Jesus de Nazaré, a finalidade foi persistir no compromisso libertador de reflexão acadêmica, de anúncio e de presença na perspectiva das vítimas da história.

No próximo capítulo descrever-se-á sobre a importância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no mundo.

²²⁷ Cf. SOBRINO, Jon. *Los mártires de la UCA. Exigencia y gracia*, p. 233.

²²⁸ Cf. Idem.

²²⁹ Id. *La causa de los Mártires*, pp. 11-12.

Enfatizar-se-á que é uma teologia tecida à luz da ética de compaixão;²³⁰ possui no seu âmago a mística e o re-encantamento no mundo das vítimas; e é sinal de profecia e testemunho no despertar da inumanidade para as não-vítimas.

²³⁰ Leonardo Boff define a compaixão como a capacidade de com-partilhar a própria paixão com a paixão do outro. É um sentimento que busca construir comunhão a partir dos que mais sofrem, ou dos que, por incontáveis razões, são penalizados pela vida. No judeu-cristianismo existe a *rahamim*, a compaixão sob a forma de misericórdia. Em hebraico, significa ter entranhas e por elas sentir a realidade do outro, particularmente daquele que sofre. Quer dizer, com-sentir mais do que entender, mostrar a capacidade de identificação e de com-paixão com o outro. A misericórdia é considerada a característica básica da experiência espiritual de Jesus, o qual unia a paixão de Deus à compaixão pelos pobres. O Deus que Jesus chama Pai tem características de Mãe que perdoa e acolhe em seu seio. As parábolas do bom samaritano (Lc 10,30-37) e do filho pródigo (Lc 15,11-32) mostram o movimento da misericórdia divina: sair de si e ir ao encontro do outro. À luz de sua experiência de Deus Pai-Mãe misericordioso, Jesus fundamenta sua ética na misericórdia. É por ela que os seres humanos se apropriam da salvação. Pois, 'no momento supremo da vida, o que conta, é a misericórdia'. Sem misericórdia e com-paixão não existe vida eterna para ninguém (Cf. Mt 25,36-41). Cf. BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 15-17. Cf. Tb. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, toda a primeira parte.